

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
CAMPUS PASSO FUNDO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO

GABRIELA SIPP

ESTRATÉGIA DE DIVERSIFICAÇÃO DE SUSTENTO NO MEIO RURAL:
o caso do Caminho das Topiarias, Flores e Aromas de Victor Graeff/RS

PASSO FUNDO

2014

GABRIELA SIPP

ESTRATÉGIA DE DIVERSIFICAÇÃO DE SUSTENTO NO MEIO RURAL:

o caso do Caminho das Topiarias, Flores e Aromas de Victor Graeff/RS

Estágio supervisionado apresentado ao Curso de Administração da Universidade de Passo Fundo, campus Passo Fundo, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Machado Padilha.

PASSO FUNDO

2014

GABRIELA SIPP

ESTRATÉGIA DE DIVERSIFICAÇÃO DE SUSTENTO NO MEIO RURAL:

o caso do Caminho de Topiarias, Flores e Aromas de Victor Graeff/RS

Estágio Supervisionado aprovado em ____ de ____ de ____, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração no Curso de Administração da Universidade de Passo Fundo, campus de Passo Fundo, pela Banca Examinadora formada pelos professores:

Prof^a. Dr^a. Ana Cláudia Machado Padilha
UPF – Orientadora

Prof. Dr. Luis Fernando Fritz Filho
UPF

Prof^a. Dr^a. Denise Carvalho Tatim
UPF

PASSO FUNDO

2014

Este trabalho é dedicado aos melhores
professores da minha vida, meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pelas oportunidades, proteção e sabedoria nestes anos de faculdade.

Ao meu pai e à minha mãe, Paulo e Roselei Sipp e minha irmã Graziela Sipp.

Agradeço à professora orientadora Ana Cláudia Machado Padilha, pela compreensão, dedicação, paciência e sempre disposta em ajudar e orientar este tempo.

Ressalto minha gratidão aos amigos e colegas de graduação e de trabalho.

Agradeço à Universidade de Passo Fundo, em especial a Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis pelo amparo para o desenvolvimento desta pesquisa, juntamente com a equipe que trabalha na Secretaria.

Registro minha gratidão a todos os professores da graduação do curso de Administração que ampliaram meu horizonte de oportunidades e enriqueceram a minha formação.

“Não existe nada mais difícil, de se executar nem de sucesso mais duvidoso ou mais perigoso que dar início a uma nova ordem das coisas. Pois o reformador tem como inimigos todos os que ganham com a ordem antiga e conta apenas com defensores tímidos entre aqueles que ganham com a nova ordem. Parte dessa timidez vem do medo dos adversários, que têm a lei a seu favor; e parte vem da incredulidade da humanidade que não tem muita fé em qualquer coisa nova, até que a experimente.”

Maquiavel, O Príncipe

RESUMO

SIPP, Gabriela. **Estratégia de diversificação de sustento no meio rural:** o caso do Caminho das Topiarias, Flores e Aromas de Victor Graeff/RS. 2014 111 f. Estágio Supervisionado (Curso de Administração). UPF.2014.

O desenvolvimento rural já não pode estar alicerçado apenas sobre atividades agrícolas tradicionais. É necessário diversificar a pauta de produtos e serviços que geram o sustento das unidades rurais. O objetivo do estudo foi identificar os recursos estratégicos que contribuem para o desenvolvimento da estratégia de diversificação de sustento em propriedades rurais que integram o Roteiro Caminho das Topiarias, Flores e Aromas, localizado em Victor Graeff-RS. A pesquisa foi exploratória do tipo estudo de caso em sete propriedades rurais. Como principais achados identificou-se que, na implementação da estratégia de diversificação de sustento rural, a motivação dá-se em torno da geração de renda e da permanência no meio rural, o que se viabiliza a partir do acesso que as famílias têm à plataforma de sustento ou capitais usados no processo.

Palavras-chave: Estratégia de Meios de Vida; Turismo no Meio Rural; Diversificação.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – A visão do fenômeno turismo diferentes de análise teórica da atividade turística	17
FIGURA 2 – Estrutura de análise da estratégia que diversifica o sustento rural, e uso dos capitais na atividade de turismo no meio rural	30
FIGURA 3 – Mapa indicativo do município de Victor Graeff/ RS	39
FIGURA 4 – Recursos estratégicos na diversificação do sustento rural	86

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO ASSUNTO	12
1.2	OBJETIVOS	14
1.2.1	Objetivo geral	14
1.2.2	Objetivos específicos	14
2	REVISÃO DA LITERATURA	15
2.1	ASPECTOS GERAIS DO TURISMO	15
2.2	TURISMO NO MEIO RURAL	18
2.3	A ESTRATÉGIA DE DIVERSIFICAÇÃO DE SUSTENTO RURAL	21
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA	31
3.2	CATEGORIAS DE ANÁLISE	33
3.3	POPULAÇÃO E AMOSTRA	36
3.4	PROCEDIMENTO E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	36
3.5	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	37
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	38
4.1	CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO	38
4.2	CARACTERIZAÇÃO DAS INSERÇÕES DAS PROPRIEDADES NO MEIO RURAL	40
4.2.1	Identificação e inserção das propriedades	40
4.3	MOTIVOS PARA DIVERSIFICAR NO MEIO RURAL	46
4.3.1	Implementação da atividade turística	46
4.3.2	Dados da ocupação da mão-de-obra na atividade de turismo no meio rural	49
4.3.3	Dados da formação e composição da renda	53
4.3.4	Gestão e administração financeira	56
4.3.5	Assistência Técnica	58
4.3.6	Divulgação	60
4.4	DIVERSIFICAÇÃO DOS MEIOS DE SUBSISTENCIA	61

4.4.1	Estratégia de diversificação de sustento rural	61
4.4.2	Acesso e uso dos capitais	66
4.4.2.1	<i>Capital Natural.....</i>	66
4.4.2.2	<i>Capital Físico</i>	69
4.4.2.3	<i>Capital Humano</i>	70
4.4.2.1	<i>Capital Financeiro</i>	72
4.4.2.1	<i>Capital Social</i>	73
4.4.3	Quanto à identificação dos capitais críticos	75
4.5	ELEMENTOS QUE MODIFICAM E INTERFEREM BO ACESSO AOS CAPITAIS	76
4.5.1	Elementos que modificam o acesso aos capitais	76
4.5.2	Elementos que interferem o acesso aos capitais	77
4.5.3	Choques	78
4.6	ASPECTOS GERAIS DA ESTRATÉGIA DE DIVERSIFICAÇÃO DE SUSTENTO NO MEIO RURAL	80
4.6.1	Impacto na atividade turística na agricultura familiar	80
4.6.2	Dificuldades/pontos de estrangulamento da atividade.....	84
4.7	LIMITAÇÕES DO ESTUDO	87
4.8	SUGESTÕES PARA ESTUDOS FUTUROS	88
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS		92
APÊNDICES		98
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista – Caracterização das propriedades rurais		99
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista – Estratégia de diversificação		105

1 INTRODUÇÃO

As mudanças na economia nacional, permeada pela grande mobilidade de capital e transformações nas estruturas produtivas tradicionais, têm causado modificações importantes em diferentes campos, entre os quais o agronegócio (PADILHA, 2009).

Nesse aspecto, agricultura familiar nacional vem apresentando mudanças ao longo dos últimos anos, mas também vem sofrendo prejuízos nas lavouras devidos aos fatores climáticos. O Rio Grande do Sul por ser um estado essencialmente agrícola vem passando por diversos desafios na agricultura fazendo com o que o agricultor busque novas alternativas para se manter no campo e com isso estimule a produção e a geração de renda onde a propriedade rural deixa de ser somente local de produção de *commodities* e passa a abrir espaços para novas oportunidades.

Autores como Perondi (2007) e Schneider (2003) destacam que a agricultura familiar é responsável por grande parte da produção mundial de alimentos, e enfrenta grandes problemas para alcançar maior rentabilidade e sustentabilidade comprometendo a continuidade das atividades de pequenos produtores.

Diante disso, Padilha (2009) afirma que o agronegócio é desafiado por crescente incremento da competitividade. Aspectos relacionados com a melhoria do nível de informação, gestão profissional, integração de elos de determinadas cadeias produtivas, relações contratuais, inovação tecnológica e sustentabilidade são alguns dos elementos que pautam as discussões atuais em torno do tema. No entanto, o desenvolvimento de mecanismos que possibilitam a geração de renda adicional, derivados de novas oportunidades de negócios são explicados na escala de produção, especialização, diferenciação de processos produtivos e de produtos, agregação de valor, entre outro, emergindo em razão das mudanças que afetam as unidades produtivas.

Diante desses desafios, as propriedades rurais independentemente do seu porte, devem superá-los, pois, na maioria das vezes a limitação ao acessar os recursos estratégicos se torna limitado no campo e assim o agricultor encontra dificuldades na geração de renda nas atividades da propriedade.

Para que o agricultor possa manter-se nesse mercado cada vez mais competitivo, é necessário criar novas formas de trabalho e assim novas fontes de renda, pois o desenvolvimento das atividades rurais já não pode mais depender somente das atividades agrícolas tradicionais, as propriedades rurais devem diversificar sua produção, para não depender somente de uma atividade pois assim aumenta os riscos, incerteza e a geração de renda enfrentará dificuldades.

Portanto, uma alternativa para mudar essa conjuntura é a diversificação de seus meios de subsistência. Essa diversificação poderia ocorrer por meio de atividades ligadas direta ou indiretamente à produção agropecuária, ou pela execução de outras alternativas produtivas, desenvolvidas de acordo com os recursos tangíveis e/ou intangíveis que possam ser explorados, ou, ainda, pelo desenvolvimento de outras atividades que não estejam relacionadas com as atuais (PADILHA, 2009).

Nesse sentido, em especial, Cunha (2012) destaca que na agricultura familiar, buscam-se novas formas de adaptação a este novo contexto do “rural”, de forma a possibilitar novas alternativas para a sua permanência e reprodução social, de forma sustentável. Desta forma se destaca a diversificação das oportunidades e meios de fixação do homem no campo, pois o turismo na agricultura familiar é considerado uma atividade econômica complementar à renda dos agricultores, contribuindo para diversificar suas formas de trabalho, agregar valor à sua produção agrícola ou artesanal, ampliar a geração de trabalho e renda e contribuir para a preservação do meio ambiente, o resgate das tradições, técnicas e processos produtivos e a valorização da cultura locais (CARVALHO; MOESCH, 2013).

Em face dessas evidências é que se estabelece a condição, num primeiro momento, para que o produtor rural diversifique seu sustento rural: o acesso aos capitais disponíveis que viabilizam a implementação da nova estratégia, de acordo com Ellis (2000), as cinco categorias de ativos são: o capital natural, que compreende a terra, a água e os recursos biológicos; capital físico que é criado por meio de processos produtivos econômicos; capital humano, que é o trabalho doméstico; capital financeiro que compreende a liquidez que o grupo doméstico tem disponível e o capital social, que surge a partir das relações que o indivíduo ou a família rural tem com a comunidade. Segundo o mesmo autor, os capitais acessados e explorados revelam-se como fatores imprescindíveis para que o produtor rural

mude sua estratégia de sustento ao diversificar suas atividades ligadas ao meio rural e, por consequência, a geração de renda ou sustento.

Em relação à diversificação no meio rural Teixeira (2011), menciona o turismo no espaço rural brasileiro, que vem se fortalecendo, sobretudo a partir da década de 1990, despontando como estratégia de agricultores e órgãos públicos para o fortalecimento das propriedades e comunidades rurais, gerando, assim, novas funções para esses espaços, antes direcionados unicamente à produção de alimentos. Segundo a autora a atividade turística vem, crescentemente, sendo aderida como estratégia para dinamizar e revitalizar comunidades rurais que muitas vezes ancorada na perspectiva do desenvolvimento local.

Nesse contexto está inserido o turismo no meio rural, uma atividade que vem se fortalecendo, despontando como uma estratégia onde os agricultores diversificam sua geração de renda, de forma, a gerar novas funções para esses espaços que antes eram direcionados somente para a produção agropecuária.

Cabe mencionar que este estudo se respalda no trabalho de Padilha (2009), sendo que a proposta de formulação de estrutura de análise será adaptada para a realidade que se quer pesquisa, ou seja, a estratégia de diversificação no meio rural.

Dessa forma, o estudo foi realizado em sete propriedades rurais que diversificam suas atividades agropecuárias, explorando ao mesmo tempo atividades turísticas no meio rural.

1.1 IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO ASSUNTO

Conforme dados da Prefeitura Municipal, o município de Victor Graeff está situado na região norte do estado do Rio Grande do Sul, 270 Km da capital Porto Alegre e possui uma população de aproximadamente cerca de 3,292 habitantes formada principalmente por descendentes alemães. E a sua economia está baseada principalmente na produção de grãos, como, soja, milho, trigo e cevada (PREFEITURA MUNICIPAL, 2014).

Nos últimos anos, as questões do meio rural são acompanhadas pela preocupação, as tendências de queda de emprego e da renda agrícola, que cada vez mais se consolida como um dos problemas agrários herdados da modernização do campo seguida no país e do avanço da mercantilização da agricultura familiar (SILVA, 2011).

Inseridas nesse contexto encontram-se as unidades de produção familiar (PAILHA, 2009). Conhecidas como a agricultura familiar que segundo Abramovay (1998) é aquela em

que a gestão da propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento.

De acordo com o estudo de Reardon (1997), pesquisas realizadas mostram que as famílias rurais, obtém maior rendimento em negócios rurais não agropecuários do que nas demais atividades agropecuárias desenvolvidas na propriedade rural. Para o autor a maior parte do rendimento do trabalho realizado na propriedade é suprida por famílias rurais mais pobres (em razão da baixa demanda de capital) ou, pelas famílias rurais que antecipam seus rendimentos realizando a colheita antecipadamente (REARDON, 1997).

Devido à pouca terra para produzir e sustentar sua família, a agricultura familiar busca diversificar a unidade produtiva (SANTOS, 2013). Pois conforme a autora explica, através da diversificação é possível às famílias agricultoras dar melhores condições de vida à família e garantir maior sustentabilidade da família rural.

A diversificação muitas vezes não apenas é vista como uma alternativa de renda, mas de sustento e de modo de viver no campo, e sendo uma alternativa de renda ela traz benefícios às famílias como resultados financeiros, estes vêm a promover melhores condições de vida, para que a família possa usufruir de mais conforto para viver e trabalhar (SANTOS, 2013).

Com base nas considerações apresentadas, formula-se a seguinte questão de pesquisa:

Quais são os recursos utilizados pelos produtores rurais que diversificam sua pauta de sustento através da exploração do turismo no meio rural?

Tendo em vista que o final de século XX caracterizou-se por mudanças tecnológicas, políticas e científicas, que evoluíram rapidamente, torna-se difícil de detectar quais dessas podem afetar direta ou indiretamente as atividades empresariais, uma vez que o dinamismo nos ambientes competitivos tem gerado maiores riscos (PADILHA, 2009).

E na maioria das vezes, nas áreas rurais, onde o acesso físico aos mercados é um dos fatores que compõem os custos para as famílias rurais, falhas no mercado levam a que tais famílias busquem outras alternativas de subsistência e é nesse sentido, que a opção pela diversificação da produção, o que culmina com a demanda, suprimento e diversidade de consumo de seus membros (OMAMO, 1998).

Considera-se que, no processo de implantação da estratégia de diversificação, o acesso aos capitais e os conhecimentos novos são aspectos que juntos podem ganhar força na atividade rural e contribuir não incremento da renda e também no desenvolvimento da atividade na região. Estudos neste campo já foram realizados por (PADILHA, 2009), (ALCANTARA; THOMÉ; CALEGARIO, 2011) e (ELLIS, 2000).

É nesta linha de análise que se justifica como alternativa a utilização dos preceitos teóricos defendidos por estes autores, e a forma como o produtor combina os capitais disponíveis; como os utiliza no novo negócio que contribui para a diversificação dos seus meios de sustento de sua família rural, não deixando de considerar o acesso e uso desses capitais, também entendidos como “plataforma de sustento” (PADILHA,2009).

1.2 OBJETIVOS

Nesse subcapítulo serão apresentados os objetivos gerais e específicos.

1.2.1 Objetivo geral

Analisar a estratégia de diversificação rural a partir da exploração do turismo no meio rural.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Identificar quais os motivos que levaram as propriedades a diversificarem.
- b) Verificar quais os capitais e recursos disponíveis.
- c) Quais os elementos que interferem no acesso aos capitais.
- d) Entender o processo de elaboração de estratégias de diversificação na propriedade rural com o uso de recursos disponíveis.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo tratar-se-á fundamentação de assuntos ligados ao turismo em um aspecto geral. Também será estudado o turismo no meio rural e a estratégia de diversificação de sustento rural. A importância da fundamentação teórica recorre ao embasamento necessário para argumentação dos resultados e para um melhor entendimento no campo específico.

2.1 ASPECTOS GERAIS DO TURISMO

O turismo, como toda atividade humana, é estudado e fundado por conceitos que divergem e complementa-se variando de acordo com a visão e/ou interesse daqueles que os concebem (TEIXEIRA, 2011). Para a autora, as diversas conceituações da atividade emergem de organizações ligadas à atividade, de órgãos públicos, do meio acadêmico, etc.

A sociedade humana, outrora tão sedentária, pôs-se em movimento, e a mobilidade frenética tomou conta da maioria dos habitantes das nações industriais, pois a necessidade de ter hábitos saudáveis de vida tem sido divulgado na sociedade como forma de combater os danos causados à saúde pela forma de vida urbana atual (STRASSBURGER; MACKE, 2012). Devido a esses fatores é que se aproveitam-se todas as oportunidades para viajar e fugir do cotidiano com a maior frequência possível (KRIPPENDORF, 2001).

O turismo, de modo geral, exerce papel fundamental dentro da atividade econômica em um nível mundial, sendo o setor de serviços que mais emprega pessoas no mundo (MOTTA, 2013). Pois através dessa forma de lazer, que uma viagem proporciona descanso e diversão e, ao mesmo tempo contribui para o desenvolvimento pessoal por meio da interação entre pessoas de ambientes e realidades diferentes (BATKE, 2002).

As pessoas precisam vivenciar prazeres particularmente distintos, que envolvam diferentes sentidos, ou que se situem em uma escala diferente daquela com que se depararam em sua vida cotidiana (STRASSBURGER; MACKE, 2012). A autora ainda salienta que “Hoje, a mobilidade tomou conta da maioria dos habitantes das nações industriais. Aproveitam-se todas as oportunidades para viajar e fugir do cotidiano com maior frequência possível” (KRIPPENDORF, 2001, P.13).

A atividade do turismo surge em razão da existência prévia do fenômeno turístico, que é um processo cuja ocorrência exige a interação simultânea de vários sistemas com atuações que se somam para um valor final, pois resulta do somatório de vários recursos como: naturais do meio ambiente, culturais, sociais e econômicos (BENI, 1998).

O estudo do fenômeno do turismo é relativamente recente em termos acadêmicos. Os termos usados para descrever o movimento de pessoas que buscam o prazer- “turismo” e “turista” - foram cunhados no início do século XIX. A partir de sua evolução durante o século XX, atualmente o termo está alocado dentro de uma variedade de disciplinas na pesquisa do turismo, tais como economia, a sociologia, a psicologia, a geografia e a antropologia (ECHTNER; JAMAL, 1997).

O conceito turismo surge no século XVII na Inglaterra, referido a um tipo especial de viagem. A palavra *tour* é de origem francesa, como muitas palavras do inglês moderno que define conceitos ligados à riqueza e à classe privilegiada. Isso aconteceu por que, durante o tempo em que a Inglaterra esteve ocupada pelos franceses, a corte passou a falar francês, e o inglês escrito quase desapareceu. A palavra *tour* quer dizer volta e tem seu equivalente no inglês *turn*, e no latim *tornare* (BARRETO, 2008). E, a autora ainda afirma que o surgimento do turismo na forma em que se conhece hoje não foi um fato isolado, o turismo sempre esteve ligado ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico. O modo de produção determina quem viaja, e o desenvolvimento tecnológico, como fazê-lo.

Segundo Beni (1998) a visão do fenômeno turismo distingue-se em três linhas diferentes de análise teórica da atividade turística. A primeira linha ganha destaque na produção envolvida por várias empresas que atuam no setor, algumas atuam na transformação da matéria prima, enquanto outras oferecem bens e serviços já existentes. A segunda linha refere-se à distribuição do produto ao consumidor, aqui há uma visível analogia entre a atividade de produção e de distribuição, pois sendo um setor no qual são produzidos preferencialmente serviços e também um setor de atividades no qual o momento produtivo pode corresponder ao distributivo com a passagem dos bens e serviços turísticos diretamente do produtor ao consumidor. E, por último a terceira linha, consiste em identificar e estabelecer

as condicionantes da viagem, meios de transporte utilizados e também o tempo de permanência no local.

LINHA	ANÁLISE TEÓRICA
PRIMEIRA LINHA	Destaque na produção envolvida por várias empresas Transformação na matéria-prima
SEGUNDA LINHA	Refere-se na distribuição do produto ao consumidor Analogia entre atividade de produção e distribuição Produce-se serviços diretamente ao produtor e consumidor
TERCEIRA LINHA	Identificar e estabelecer as condicionantes da viagem, meios de transporte utilizados e tempo de permanência no local

Figura 1- A visão do fenômeno turismo que se distingue em três linhas diferentes de análise teórica da atividade turística

Fonte: Beni (1998).

Observa-se, também, que o turismo estabelece uma complexa trama de relações entre o visitante e a comunidade receptora, a qual é impregnada por “mecanismos culturais e simbólicos” que exercem na comunidade receptora, consequências no nível das representações sociais, através dos novos conhecimentos, oriundos dos agentes externos, os turistas (RODRIGUES 2006).

Beni (1998) destaca que o turismo provoca o desenvolvimento inter setorial, em função do efeito multiplicador do investimento e dos fortes crescimentos da demanda interna e receptiva. E ainda, segundo o autor é uma atividade excelente para obtenção de melhores resultados no desenvolvimento e planejamento regional ou alimentação, indústrias complementares e outros), eleva a demanda de emprego, repercutindo na diminuição da mão-de-obra subutilizada ou desempregada.

O Turismo é uma atividade multifacetada, que se inter-relaciona com diversos segmentos econômicos e demanda um complexo conjunto de ações setoriais para o seu desenvolvimento, que se viabiliza por meio de várias atividades relacionadas. Conforme a autora é pela integração e sinergia de organizações públicas e privadas e dos diferentes setores de economia que os recursos turísticos nas diversas regiões do país se transformarão, efetivamente, em produtos turísticos, propiciando o desenvolvimento sustentável da atividade, com a valorização e a proteção do patrimônio natural e cultural e o respeito às atividades regionais (PADILHA, 2009).

Portanto, o turismo é manifestação e continua atividade produtiva, geradora de renda, que se acha submetida a todas as leis econômicas que atuam nos demais ramos e setores industriais ou de produção, e ainda provoca indiretamente acentuadas repercussões econômicas em outras atividades produtivas através do efeito multiplicador (BENI,1998).

Após a apresentação dos conceitos gerais do turismo e seus aspectos, a próxima sessão trata-se do turismo no espaço rural, uma ramificação do turismo e que localiza-se nas propriedades rurais, como forma de diversificar e obter renda extra através das atividades.

2.2 TURISMO NO MEIO RURAL

O atual ritmo de trabalho das pessoas em grandes centros urbanos, associados com a poluição ambiental e sonora, contribui para o desenvolvimento de atividades de recreação em zonas rurais. Nos espaços rurais, as pessoas que buscam o turismo e o lazer esperam encontrar um ambiente atrativo, que contribua para a melhoria da sua qualidade de vida (PADILHA 2009). O que essas pessoas buscam é um maior contato com o meio ambiente natural, alimentando desejos antigos de retorno à natureza, por grupos e indivíduos provenientes de áreas mais desenvolvidas, que chegaram a essa posição exatamente à custa de sua natureza (RUSCHMANN, 2001).

Dessa maneira, em meio às novas opções de atuação no meio rural, as atividades de lazer- com destaque para o turismo- surgem como grandes promessas de geração de empregos para a mão-de-obra local, com potencial para diminuir o êxodo rural dos jovens e de estimular uma série de atividades produtivas, agrícolas e não agrícolas, inerentes ao contexto rural (RAMEH; SANTOS, 2011).

As viagens de lazer e conhecimento foram desenvolvidas com mais intensidade a partir do século XVIII e assumiram um caráter diferenciado desde a segunda metade do século XX, em razão do envolvimento de novas formas de interação com o ambiente e as culturas ditas “locais” (ALMEIDA; DACOSTA, 2007). Na percepção de Deng, King e Bauer (2002), desde 1945 o turismo tem se desenvolvido rapidamente, tornando-se um dos mais importantes fenômenos mundiais.

O turismo no espaço rural, como meio de dinamizar comunidades rurais e promover a melhoria de vida das pessoas que vivem no campo, por meio do aumento de recursos financeiros, melhoria da autoestima, valorização do espaço, melhoria da infraestrutura (TEIXEIRA, 2011). Analisando os conceitos estudados a autora observou que as diferenças conceituais que permeiam a prática da atividade turística no espaço rural, diferentemente das conceituações voltadas para o turismo que são complementares, apresentam divergências e pouco se conhece sobre os critérios utilizados para traçar tais delimitações.

Em relação a esse aspecto, tratando-se de turismo no espaço rural Beber (2012) informa que essa atividade vem se desenvolvendo como produto de consumo turístico e, conseqüentemente, como possível instrumento de desenvolvimento, inclusão social e melhoria de qualidade de vida para as populações locais, entre outros

A interiorização territorial do turismo recebe diferentes denominações: turismo rural, turismo alternativo, turismo verde, ecoturismo, agroturismo, turismo cultural, turismo de aventura, turismo ambiental entre outros (NOVAES, 1999). Para a autora, independentemente da terminologia adotada, parte-se da constatação de que o turismo pode ser um recurso para os espaços rurais que procuram uma alternativa de desenvolvimento local e, ao mesmo tempo, uma oportunidade de valorizar seu patrimônio paisagístico e cultural.

Referente ao conceito e denominação do turismo Teixeira (2011) destaca-o como um meio dinamizar comunidades rurais e promover a melhoria de vida das pessoas que vivem no campo, por meio do aumento dos recursos financeiros, melhoria da autoestima, valorização do espaço, melhoria da infraestrutura, etc. A autora ainda menciona que essa diversidade de tipos de turismo vem adentrando nos espaços rurais, as conceituações que convergem no delineamento do turismo variam.

Nash (2006) destaca que os estudos contemporâneos reconhecem as oportunidades para regeneração econômica apresentada pelo desenvolvimento de atividades turísticas. Em estudo realizado em três regiões da Escócia, o autor percebeu que muitas áreas rurais são periféricas e caracterizadas por uma desigualdade em termos de riqueza, *status* e poder. Nestas regiões, o turismo é visto como o maior fator de melhoria e prosperidade, que pode viabilizar a existência das comunidades remotas, contudo em muitos casos continuam sendo zonas que demandam transferências de fundos públicos.

É nesse sentido que Fleischer e Felsenstein (2000) destacam que o turismo, como estratégia para o crescimento econômico, esteve na agenda do desenvolvimento regional por algum tempo. Regiões periféricas e áreas rurais têm frequentemente percebido este fato isto como uma ferramenta promotora de empregos locais e aumento do bem-estar econômico. Nessa dinâmica complexa, o turismo revela-se como um segmento em expansão no Brasil e no mundo, que vem despertando interesse em diversas áreas do conhecimento, tais como economia, meio ambiente, tecnologia industrial, informática, arquitetura e, em especial, o *marketing* (FLEISCHER; TCHETCHIK, 2005).

Em se tratando do turismo rural Conforme afirma Zimmermann (1996, p.21) é um segmento do turismo desenvolvidas em áreas rurais produtivas, relacionados com os alojamentos nas sedes das propriedades ou em edificações apropriadas nas quais o turista

participa das diferentes atividades agropecuárias e nesse espaço quer como lazer ou aprendizado. O termo mencionado neste parágrafo não se configura na presente pesquisa por não apresentar os elementos que o compõe.

Pois, o turismo no meio rural é uma oportunidade para pequenos produtores, gerando renda, emprego, qualidade de vida, e evita que ocorra o êxodo rural, sendo essa atividade que mantém os pequenos produtores neste espaço rural. É nesse sentido que (LEFF, 2001, p. 160) afirma, que “a atividade turística inventa e reinventa o espaço, transformando-o em espaço turístico e a partir dessa dinâmica, o ambiente é transformado, gerando impactos sociais, naturais e culturais, promovendo modificações e criando condições de comodidade e segurança para o turista.” O autor ainda afirma que essas transformações ocorrem em um ambiente configurado por comportamentos, valores e saberes, bem como potenciais produtivos.

Segundo Blanco (2009) através do turismo no espaço rural, o produtor rural passa a ser um empreendedor e prestador de serviços turísticos, trabalhando diretamente na conservação do patrimônio ambiental e cultural da sua região. O autor ainda afirma que através desta atividade as famílias podem diversificar suas rendas.

Além disso, segundo Ruschmann (2000), a atividade turística no meio rural deve ter ainda como objeto a sustentabilidade, que na opinião da autora implica em saber administrar os ambientes, os recursos, e as comunidades receptoras, afim de atender as necessidades econômicas e sociais, preservando a integridade cultural, ecológica e ambiental para que possam ser desfrutadas pelas gerações futuras.

O turismo é utilizado como alternativa de promoção de desenvolvimento pelo poder público não só nos casos em que há presença de belezas que podem ser exploradas para tal, em outros casos o poder público através das políticas públicas voltadas para o turismo, procura fazer frente ao abandono de áreas rurais marginalizadas pelo poder produtivo e econômico existente, bem como uma alternativa para recuperação de áreas já desgastadas (HUBNER, 2013).

Considerando esse ponto de vista Schneider (2009, p.13) ressalta que são políticas que visam gerar empregos, estimular a diversificação das rendas e oferecer alternativas econômicas aos agricultores que não sejam exclusivamente ligadas ao aumento da produção, fazendo com que possam reanimar as regiões desfavorecidas ou pouco competitivas.

Nesse sentido, autores como Froehlich e Rodrigues (2000) indicam que as áreas rurais vêm sendo associadas às atividades orientadas para o consumo de serviços, tais como o lazer, turismo, residência, prestação de serviços e preservação do meio ambiente, produção de

artesanato, entre outras que podem ser vistas como atividades complementares e se somam a atividade agrícola, ocasionando, de acordo com os autores, a chamada “reação em cadeia”.

Reardon, Berdegú e Escobar (2001) registram que por diversas décadas reconheceu-se que o emprego advindo de atividades rurais fora da agricultura é importante para as famílias rurais na América Latina e Caribe, locais onde 25 a 30% do emprego rural resultam de “atividades fora da agricultura” (*no farms*). Nesse aspecto, os membros da família rural (*house hold*) que atuam em práticas agrícolas são motivados a desenvolver outros tipos de atividades não relacionadas com as atuais. Os motivos geralmente se relacionam com as possibilidades de se alcançar renda mais elevadas em novas atividades, o risco inerente às práticas agrícolas e a incerteza sobre a existência de mercado consumidor para os produtos resultantes das atividades produtivas (REARDON; BERDEGUÉ; ESCOBAR, 2001).

Diante disso, mundo rural deixou de ser um espaço exclusivamente agrícola, pois novas atividades econômicas emergem desse espaço, com um agricultor pluriativo que combina com a atividade agrícola com a não agrícola para complementar a renda familiar e gerar ocupação para membros da família (BATKE, 2002).

Diante dessa conjuntura, o meio rural passa a ser visto, não mais como um lugar atrasado e sem perspectivas, mas como um espaço dinâmico e diversificado com múltiplas potencialidades, marcado fundamentalmente por relações de complementariedade com o urbano (KLEIN, 2012).

Após estudar os conceitos do turismo no espaço rural, a próxima seção trata-se da origem.

2.3 A ESTRATÉGIA DE DIVERSIFICAÇÃO DE SUSTENTO RURAL

Nas últimas décadas, significativas transformações vêm ocorrendo no campo. Mudanças nas atividades econômicas, nas práticas culturais, nas relações sociais e no uso dos recursos naturais vêm criando no meio rural um cenário bastante complexo e que não pode mais ser observado a partir de olhares que reduzem o campo ao espaço onde se desenvolve o setor primário da economia (RAMEH; SANTOS, 2011). A autora ainda menciona que segundo Abramovay (2003, p. 13), é necessário “que se encare o meio rural como espaço de atividades variadas, reunindo uma multiplicidade de atores sociais e não apenas como o terreno de onde saíram produtos agropecuários.”

A mecanização do trabalho agrícola acabou por dificultar o trabalho das famílias de pequenos produtores rurais, pois este não consegue alcançar a produtividade das empresas modernizadas e assim acabam tendo um baixo rendimento (CARDOSO, 2013) e conforme menciona o autor, que este modelo econômico privilegia os grandes e médios produtores e provoca o êxodo rural, provocando a saída das famílias de suas propriedades rurais.

Como percebe-se, a agricultura familiar vem enfrentando uma série de problemas, com relação a esse aspecto Cardoso (2013) menciona que, um dos fatores que vem dificultando o meio rural nas pequenas propriedades é a modernização da agricultura brasileira, que vem sendo tratada por vários autores que abordam as variações dessa atividade econômica, ou seja, as marcas das fases da agricultura no Brasil, evidenciando que a produção serve como instrumento de transformação no espaço. E segundo o autor, essa modernização afeta e transforma a agricultura brasileira. Sendo que a “agricultor familiar” é uma unidade de produção conduzida majoritariamente pela força de trabalho da própria família, ou do grupo doméstico, e estruturada em torno de laços sanguíneos e parentesco entre seus membros (PERONDI, 2007).

Em relação à diversificação no meio rural Teixeira (2011), menciona o turismo no espaço rural brasileiro, que vem se fortalecendo, sobretudo a partir da década de 1990, despontando como estratégia de agricultores e órgãos públicos para o fortalecimento das propriedades e comunidades rurais, gerando, assim, novas funções para esses espaços, antes direcionados unicamente à produção de alimentos. Segundo a autora, a atividade turística vem, crescentemente, sendo aderida como estratégia para dinamizar e revitalizar comunidades rurais que muitas vezes ancorada na perspectiva do desenvolvimento local (TEIXEIRA, 2011).

Assim, o espaço rural vem passando por um movimento de reorganização em que observamos uma considerável redução do número de pessoas que trabalham na agricultura, o aumento do número de pessoas residentes no campo exercendo atividades não-agrícolas e o aparecimento de uma camada relevante de pequenos agricultores que combinam a agricultura com outras atividades (CARNEIRO, 1998).

Nesse sentido ganha destaque a pluriatividade rural - combinação de atividades agrícolas com não agrícolas - não é um fenômeno propriamente novo, porém adquire novas dimensões no campo brasileiro, chamando atenção para a possibilidade de novas formas de organização da produção virem a se desenvolver no campo ou de antigas práticas assumirem novos significados, ajudando na busca por alternativas ao êxodo rural, ao desemprego urbano e ao padrão de desenvolvimento agrícola dominante (CARNEIRO, 1998, p. 56).

A partir do momento em que o agricultor assume novas atividades na propriedade rural, este ocasiona um conjunto de novas funções e significações do meio rural, não só econômicas, mas as sociais e culturais que refletem positivamente ou negativamente em todos os membros da família rural. Para Schneider, “à medida que as famílias conseguem ter um *portfólio* mais diversificado de opções de trabalho, tornam-se pluriativas, suas rendas tendem a se elevar, a adquirir maior estabilidade, e as fontes tendem a se diversificar” SCHNEIDER (2007, p.22).

Para Ellis (2000) “a diversificação dos meios de vida é definida como o processo pelo qual o grupo doméstico rural constrói uma crescente diversificação do *portfólio* de atividades e ativos para sobreviver e melhorar seu padrão de vida.” A diversificação dos meios de vida resulta em complexas interações com a pobreza, podendo contribuir de várias formas: primeiro, com a distribuição de renda, pois existe uma correlação positiva entre a superação da pobreza por parte das famílias rurais e a diversificação de seus meios de vida; segundo, com a produtividade rural, cuja diversificação de dentro da unidade de produção, muitas vezes, acontece associada às contribuições de segurança de renda doméstica melhoradas pela diversificação fora da porteira da propriedade rural; terceiro, com o meio ambiente, pela redução da necessidade de os agricultores menos capitalizados explorarem o solo agrícola para levar a cabo práticas extrativas do local para a sobrevivência; quarto, com as relações de gênero, ao melhorar a distribuição da renda dentro da família; e, quinto, com maior segurança aos efeitos macroeconômicos, isso porque, com a relativa liberalização de preços e mercados, a diversificação pode reduzir seus efeitos imediatos que poderia ocorrer caso fosse dependente de apenas uma estratégia de renda (ELLIS, 2000).

Em se tratando de Brasil, Padilha (2009, p.56), menciona que a falta de terra e dos demais recursos naturais muitas vezes não se apresenta como limitador para desenvolvimento de estratégias de diversificação de sustento rural, especialmente em pequenas propriedades rurais, as quais de beneficiam de programas de desenvolvimento no meio rural, como por exemplo, o Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF), além disso afirma que por possuir uma diversidade de seus aspectos geográficos, topográficos, climáticos e naturais o Brasil apresenta alternativas de desenvolvimento de negócios rurais não agropecuários. Esse tipo de negócio tem sido uma realidade e garantia de sustento para famílias rurais que se organizam em determinadas regiões e se dedicam a produção de artesanato, alimentos artesanais, turismo rural, entre outros.

Acontece, entretanto, que ao procurar diversificar suas possibilidades de geração de renda, a população rural- sobretudo a que vive na agricultura familiar- se depara com

dificuldade de diversas ordens. Assim, faz-se necessário o envolvimento do poder público que deve assumir um papel fundamental no apoio, a implantação e fomento da atividade turística desenvolvida por agricultores familiares (RAMEH; SANTOS, 2011).

Ainda em relação ao Brasil, Padilha (2009) afirma, que além de tudo, o país possui uma diversidade em relação aos aspectos geográficos, topográficos, climáticos e naturais, apresentando uma alternativas de desenvolvimento de negócios rurais não agropecuários. Esse tipo de negócio tem sido uma realidade e garantia de sustento para famílias rurais que se organizaram em determinadas regiões, e se dedicam a produção de artesanato, alimentos artesanais, turismo rural, entre outros. O turismo em espaços rurais, especialmente o turismo rural, é um empreendimento que se alia ao lazer e à natureza no meio rural. A dinâmica de seu crescimento nos últimos anos vem respondendo aos desafios atuais enfrentados pelas propriedades rurais, ou seja, a de criar atividades diferenciadas, que possam contribuir no sustento das famílias rurais.

Partindo do pressuposto de que a estratégia de sustento rural está diretamente ligada na subsistência da unidade familiar, Chambers (1989, p.7) define subsistência como sendo os “estoques suficientes e fluxos de caixa para satisfazer necessidades básicas”. O problema é que o autor não explica como esses adequados estoques e fluxos de caixa surgem.

Ellis (2000) complementa a ideia ao mencionar que a subsistência inclui como fontes os capitais (natural, físico, humano, financeiro e social). Portanto, a facilidade de acesso a eles e às atividades produtivas é que determinam a subsistência ou o padrão de vida das famílias rurais. O mesmo autor menciona que os termos “sustento” e “rendimento não são sinônimos, mas estão fortemente relacionados por que a composição e o nível de rendimento individual e familiar irão determinar as facilidades de acesso aos meios de sustento e as possibilidades de conversão destes em melhor padrão de vida para a família (ELLIS, 2000).

Em relação às estratégias de sustento, Ellis (2000) identifica-as como o conjunto de ativos que o indivíduos ou a unidade familiar dispõe, o qual é mediado por fatores sociais e tendência exógenas que resultam na adoção e adaptação ao longo do tempo. Já no caso da diversificação por meio de sustento, Ellis (2000) define-a como um processo em que famílias rurais constroem um conjunto diversificado de atividades e capacidades sociais de suporte, tendo como objetivo a sobrevivência e melhoria do padrão de vida. De acordo com o autor, quando eliminam os obstáculos de acesso e geração de oportunidades para a expansão da diversificação dos meios de subsistência, o indivíduo e as famílias desenvolvem maior capacidade de alcançar um sustento seguro; assim, melhoram seu padrão de vida (ELLIS, 2000).

De acordo com Ellis (2000) ao destacar o conjunto de ativos de que o indivíduo ou unidade familiar dispõe, o qual é mediado por fatores sociais, e tendências exógenas que resultam na adoção e na adaptação, ao longo do tempo, de estratégias de sustento. Essas questões são dinâmicas uma vez que respondem às mudanças e oportunidades.

As atividades que geram os meios de sustento dos indivíduos ou famílias rurais são divididas em:

- atividades embasadas em recursos naturais: coleta, cultivo de alimentos, cultivo de produtos não alimentares, pecuária e pastoreio; atividades não rurais podem ser expressas pela produção de tijolos, tecelagem, pastagem.

- atividades não embasadas em recursos naturais: relacionados com a venda de produtos rurais, insumos e bens de consumo, bem como aos outros serviços rurais, como a manutenção de equipamentos, manufaturas rurais, empregos formais e transferência de renda.

Essas atividades, em todas as categorias, representam contribuições potenciais para o *portfólio* de sobrevivência das unidades familiares. Mais do que isso, a composição desse portfólio tem relevância política, pois a sua situação de vulnerabilidade das famílias varia de acordo com a dependência que possuem de determinados ativos ou atividades. Este fato, necessariamente, precisa ser considerado ao serem definidas políticas de incentivo direcionadas a determinadas atividades, bem como aquelas que afetam o acesso aos ativos (ELLIS, 2000).

Ellis (1998) ainda foca as questões relacionadas à vulnerabilidade, resiliência e sensibilidade do sistema de sustento. Para ele, um sistema de sustento mais robusto ou menos sujeito à vulnerabilidade é aquele que apresenta alta resiliência e baixa sensibilidade, ao passo que o mais vulnerável apresenta baixa resiliência e alta sensibilidade. A resiliência significa a habilidade do sistema de absorver mudanças ou, mesmo, de utilizar as mudanças como uma vantagem. Por sua vez, a sensibilidade refere-se à suscetibilidade de mudança que a base natural de recursos tem perante as interferências humanas.

De acordo com Ellis (2000), as cinco categorias de ativos que compõe a plataforma de sustento de famílias rurais são conceituadas como segue:

- a) *Capital natural*: compreende a terra, água e os recursos biológicos que são utilizados pelas pessoas para gerar os meios de sobrevivência. Algumas vezes o capital natural é identificado como recurso ambiental, ou, ainda, como “meio ambiente”. Esse tipo de capital não é estático e sua utilização para fins de sobrevivência não está restrita às atividades como coleta e caça. Os recursos podem ser divididos em recursos naturais renováveis e não renováveis, que se condicionam às questões geográficas (região de montanha) ou não

(planície) e são constantemente depredados de acordo com a taxa de extração por indivíduos que deles usufruem;

b) *capital físico*: compreende o capital que é criado por meios de processos produtivos econômicos. Benfeitorias, máquinas, ferramentas, entre outros, são considerados ativos físicos. Em termos econômicos, o capital físico é definido como um bem de produção, contrastando com a ideia de bem de consumo. Tais recursos, quando servirem como residência da família, por exemplo, seriam considerados improdutivos; entretanto, passam a ser produtivos se a casa disponibilizar quartos para aluguel. No entanto, Ellis (2000) destaca que os avanços tecnológicos permitem a substituição de capitais naturais por capitais físicos ao longo do tempo e que esse processo de substituição pode potencialmente ajudar a reduzir a pressão sobre os recursos naturais que sofrem depredações fortes em determinadas regiões.

c) *capital humano*: é o trabalho doméstico disponível, influenciado por variáveis como educação, habilidade e saúde. O capital humano pode ser incrementado pelo investimento em educação e treinamento, bem como pela potencialização das habilidades que são adquiridas no desenvolvimento da própria atividade proposta.

d) *capital financeiro e seus substitutos*: compreende a liquidez que o grupo doméstico tem disponível para realizar suas estratégias; é um capital que pode ser potencializado com o acesso a uma linha de crédito subsidiada ou mesmo a fundo perdido. O capital financeiro, neste caso, não pode ser visto diretamente como forma produtiva de capital, mas cumpre sua função na plataforma de sustento das famílias ao converter-se em outras formas de capital ou ser utilizado diretamente no consumo. A característica fundamental deste tipo de ativo, na forma de dinheiro, é a sua fungibilidade, ou seja, a facilidade de ser facilmente empregado em diferentes usos;

e) *capital social*: este termo tenta capturar os efeitos das relações do indivíduo ou unidade familiar com a comunidade na qual está inserido e seus acessos aos meios de sustento. É um termo que captura os vínculos do indivíduo e do grupo doméstico com a comunidade; em seu sentido social mais amplo, é a capacidade de inclusão social. Capital social definido desta forma inclui recursos sociais e ativos (ELLIS, 2000; NIEHOF, 2004).

Ellis (2000) incorporou os relacionamentos que os indivíduos e unidades familiares têm com instituições e organizações que operam em escalas mais amplas e que, em geral, constituem os canais por meio dos quais ocorre o desenvolvimento das intervenções necessárias para mudar o cenário. Para o autor, quanto maior for o acesso aos capitais, maior será a capacidade de sustento do indivíduo ou da unidade familiar analisada, o que enfatiza ainda mais a importância da capacidade de gerenciamento dos relacionamentos que facilitam

esse acesso e sua transformação em estratégias de sustento em “resultados” propriamente ditos.

Para Padilha (2009) as relações sociais, instituições e organizações são fatores de mediação críticos para os meios de sustento, pois acabam por facilitar ou inibir o exercício da capacidade e de escolha dos indivíduos e unidades familiares. Por essa razão, é importante enfatizar o entendimento de Ellis (2000) sobre os fatores endógenos que utiliza em seu *framework*, explicados da seguinte forma:

a) Relações sociais: refere-se ao posicionamento social do indivíduo e unidades familiares dentro da sociedade e compreende fatores como sexo, casta, classe, idade, etnia e religião. Alguns elementos, como sexo do indivíduo, acabam influenciando na forma como acessa a plataforma de sustento e a transforma em estratégia de sustento; fatores como casta e etnia podem ser de fundamental importância em alguns grupos sociais rurais, mas não tem importância alguma para outros;

b) Instituições: são as regras formais, convenções e códigos de condutas informais que geram limites às interações humanas;

c) Organizações: são entendidas como os grupos de indivíduos formados de acordo com um propósito comum e que visam ao alcance de determinados objetivos. Por exemplo, agências governamentais, instituições administrativas como os governos locais, organizações não governamentais, associações e empresas privadas.

Ainda na discussão dos fatores exógenos, Ellis (2000) menciona que a inter-relação entre ativos, mediação de processos e atividades de sustento são processos que se modificam ao longo do tempo, ao passo que a forma como ocorrem essas modificações, preocupações e pressões que resultam em novas características de emergência de atividades são influenciadas por tendências e eventos que variam.

Para Ellis (2000), o conjunto de ativos que o indivíduo ou unidade familiar dispõe, mediado por fatores sociais e tendências exógenas, resulta na adoção e adaptação, ao longo do tempo, da composição das estratégias de sustento.

As modificações das estratégias de sustento poderão afetar a unidade familiar ou o indivíduo em termos de segurança do sustento, estabilidade de renda, redução do impacto da sazonalidade das atividades produtivas sobre a renda familiar, por exemplo. Em termos ambientais, poderão ser percebidos efeitos na qualidade do solo, da água e das florestas e na biodiversidade. Ressalta-se que as escolhas feitas em relação à estratégia de sustento podem ter resultados positivos ou negativos sobre o sustento da unidade familiar ou do indivíduo, dependendo do acerto ou não da estratégia escolhida (PADILHA, 2009).

É através da estratégia diversificação rural que muitos agricultores tentam reduzir riscos, optando por outros serviços na área rural e assim podendo se manter, sem a necessidade de buscar outra forma de sustento na zona urbana.

Com relação à estratégia de diversificação afirmam ser uma estratégia eficiente para agricultores familiares

Padilha (2009) elaborou a estrutura de análise da estratégia de diversificação, baseada nas leituras realizadas e na pesquisa em publicações científicas nacionais e internacionais. Tomando-se como ponto de partida discussões feitas em torno da estratégia de diversificação como mecanismo de aumento da vantagem competitiva.

Conforme exposto anteriormente, em se tratando de estratégia de diversificação Padilha (2009) destacou os trabalhos de Ellis (1998;2000). A contribuição de usar este aporte teórico deu-se em razão de o autor propor uma estrutura de análise que explica os processos de diversificação de sustento das famílias rurais, especialmente em países pobres; seus trabalhos também são fonte de orientação e subsidio para a elaboração de micro e micropolíticas públicas que dêem conta de solucionar o problema da pobreza em áreas rurais.

De acordo com a abordagem da estratégia de diversificação de sustento rural, Padilha (2009) cita os motivos que levam os produtores a diversificar seus meios de sustento e finalizando com os resultados esperados a partir de sua implementação. São elas:

a) Dentre os motivos pelos quais os produtores rurais diversificam seus meios de subsistência, o desaparecimento ou enfraquecimento do mercado de crédito é um fator que implica a falta de recursos para aquisição de insumos, máquinas e equipamentos, entre outros, que viabilizam suas atividades produtivas; ou, pelas fricções, como, por exemplo, a entrada num nicho de mercado que apresenta alto rendimento, quando comparado aos demais auferidos nas atuais atividades de produção, mencionado por Barret, Reardon e Webb (2001);

b) os motivos ainda podem ser divididos em primários (fatores impulsionadores), e secundários (fatores causadores) identificados no trabalho de Barret, Reardon e Webb (2001).

c) o processo de implementação da estratégia de diversificação de sustento rural ocorre pela exploração dos capitais, como o natural, o físico, o humano, o financeiro, e o social, segundo Ellis (2000) e Soini (2005).

d) a eficácia da estratégia de diversificação de sustento rural não depende somente dos ativos iniciais para desenvolver a diversificação, pois também está ligada à habilidade da família rural a transformar os ativos em renda, alimento, ou em outras necessidades básicas de forma eficaz, conforme Niehof (2004). Isso significa que o conhecimento está implícito no desenvolvimento deste tipo de estratégia.

e) como fatores que interferem no acesso aos capitais e, por consequência, afetam a estratégia de sustento estão as relações sociais, as instituições e as organizações, como fatores críticos para os meios de sustento por facilitarem ou inibirem o exercício da capacidade e de escolha dos indivíduos e unidades familiares, conforme se pode identificar nos estudos de (ELLIS, 2000).

f) o resultado da estratégia de diversificação de sustento pelo uso e exploração dos capitais poderá afetar a unidade familiar ou indivíduo em termos de segurança do sustento, estabilidade de renda, redução do impacto da sazonalidade das atividades produtivas sobre a renda familiar, por exemplo, as quais são divididas em atividades embasadas em recursos naturais, conforme argumenta Ellis (2000).

Em um estudo feito com base em Ellis (2000) e Padilha (2009), Alcântara; Thomé e Calegario (2011) identificaram que a adoção da estratégia de diversificação dos agricultores familiares é inicialmente uma necessidade (sobrevivência). Porém, se mantém visando o desenvolvimento e o crescimento econômico das propriedades, tornando-se uma estratégia eficiente para agricultores familiares, já que proporciona o crescimento e desenvolvimento da propriedade, uma vez que os produtores diversificados possuem mais recursos e tendem a se manter mais competitivos.

Ao analisar tais contribuições para a elaboração da estrutura analítica, percebe-se que a abordagem da estratégia de sustento rural tem especificidades desafiantes para se analisar o processo de diversificação no meio rural. Ênfase especial é dada aos capitais, que interferem nas escolhas e combinações que o produtor ou família rural vai fazer para desenvolver seus novos negócios, conforme argumenta Padilha (2009).

Assim, a estrutura de análise proposta é apresentada na Figura 2.

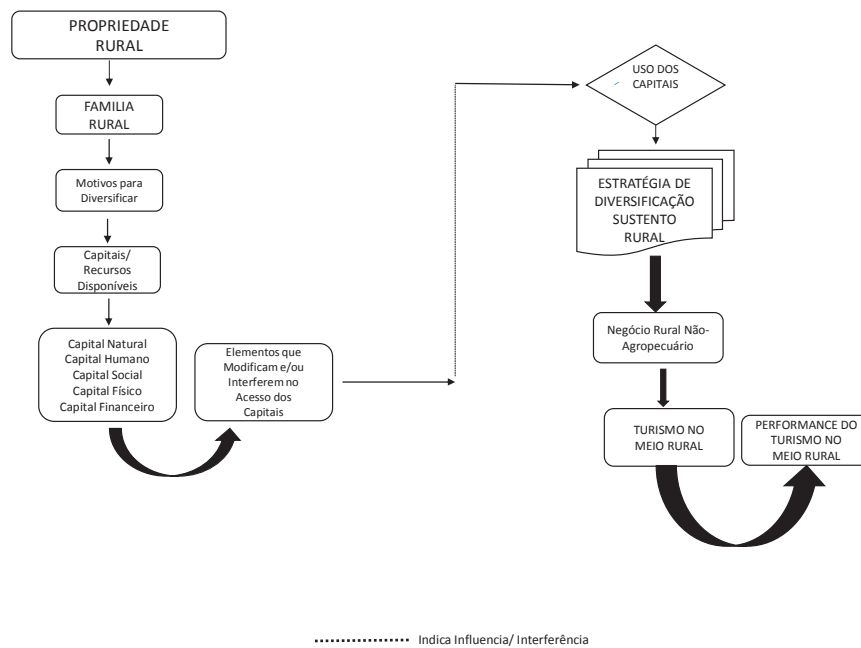


Figura 2- Estrutura de análise da estratégia que diversifica o sustento rural, e uso dos capitais na atividade de turismo no meio rural

Fonte: Adaptado a partir de Padilha (2009).

Ao se identificar as possibilidades que a família rural encontra para poder diversificar os seus meios de subsistência, o que parece claro é que cada vez mais os produtores rurais em especial os pequenos que tem sua base produtiva focada na produção de *commodities*, estão encontrando maiores dificuldades de se manter nesse espaço.

Nesse cenário emergem as novas possibilidades de sobrevivência, que estão atreladas a inovação, e as novas formas de ver os recursos e poder combiná-los. Isso tem revelado um grande desafio para os produtores, que em geral não tem conhecimento para poder levar adiante qualquer tipo de atividade. Esse é um desafio a ser enfrentado e soluções devem ser buscadas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A escolha dos métodos e técnicas é de fundamental importância para uma pesquisa científica, pois é através delas que são estabelecidos os parâmetros que permitem que os objetivos propostos em um projeto sejam alcançados e o problema levantado seja esclarecido. De acordo com Ruiz (2008, p.137) “a palavra método é de origem grega, significa o conjunto de etapas e processos a serem vencidos ordenadamente na investigação dos fatos ou na procura da verdade.”

A definição para metodologia é dada por Diehl e Tatim (2004, p. 47) como sendo “o estudo e avaliação de diversos métodos, com a finalidade de identificar possibilidades e limitações no âmbito de sua aplicação no processo de pesquisa científica.”

Portanto, neste capítulo são apresentados todos os métodos, técnicas e procedimentos utilizados para a realização desta pesquisa.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa foi elaborada de forma exploratória e sua abordagem de forma qualitativa, pois em relação aos estudos exploratórios ele permite ao pesquisador explorar um tema que até a pouco não foi ou é pouco explorado. O pesquisador precisa incorporar características inéditas e buscar novas abordagens. Ela foi feita por meio de levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de exemplos sobre o tema. Ela possibilita aproximar o pesquisador do tema e objeto de estudo, construir questões importantes para a pesquisa, identificar um novo aspecto sobre o tema a ser pesquisado (REIS, 2008).

Com relação a este tipo de abordagem, Diehl e Tatim (2004) mencionam que estudos qualitativos podem auxiliar na descrição da complexidade de determinado problema e na interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais e, entre outros, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. Além disso, a escolha da abordagem qualitativa possibilita estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais estabelecidas em diversos ambientes (GODOY, 1995).

Dessa forma a abordagem qualitativa pressupõe que um fenômeno possa ser bem mais compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo, assim, ser analisado numa perspectiva integrada. Nesse sentido, o pesquisador vai a campo para captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas (PADILHA, 2009).

O estudo exploratório foi escolhido por proporcionar uma maior familiaridade com o tema, e assim poder aumentar a experiência em torno do mesmo (PADILHA 2009). Já que, essa pesquisa teve como objetivo adaptar a estratégia de diversificação em propriedades rurais.

Com relação aos estudos exploratórios, Triviños (1992) menciona que esta tipologia permite ao pesquisador aumentar sua experiência em torno de determinado problema. Para Gil (1994), sua utilização justifica-se quando o tema escolhido é pouco explorado, permitindo uma visão geral sobre o fenômeno em estudo, o que na maioria dos casos, envolve levantamento bibliográfico, a realização de entrevistas com pessoas que possuem experiência prática com o problema estudado e a análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Com base nessas argumentações, Padilha (2009) elegeu-se o estudo exploratório por proporcionar uma maior familiaridade com o tema, uma vez que não foi observada nas publicações a discussão conjunta das abordagens teóricas relativas a estratégia de diversificação de sustento rural no contexto do turismo rural. Além do mais vale ressaltar que o objetivo do estudo foi o de adaptar a estrutura de análise da estratégia de diversificação elaborada pela autora.

Por se concentrar na investigação de sete propriedades e a praça municipal, este estudo caracteriza-se como um estudo de caso múltiplo, propositadamente escolhidos e que são representativos da realidade do turismo rural no Brasil. Com relação à definição de estudo de caso, Yin (2005) define-o como uma forma de se fazer pesquisa empírica que investiga fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto de vida real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas e onde se utilizam múltiplas fontes de evidência.

Além do mais, para Yin (2005, p.33),

a investigação do estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá mais variáveis de interesse do que dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a análise e coleta dos dados.

Já que segundo Laville (1999) o estudo de caso trata-se de uma estratégia de pesquisa com dados existentes através do qual o pesquisador se concentra sobre um caso, geralmente escolhido por seu caráter ser considerado típico, a fim de ser investigado com profundidade.

Segundo Diehl e Tatim (2004), o estudo de caso caracteriza-se pelo estudo profundo ou exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos considerados.

Será adaptada a estrutura de análise proposta por Padilha (2009), que segundo a autora, na elaboração da estrutura analítica, percebeu que a abordagem da estratégia de sustento rural tem especificidades desafiantes para se analisar o processo de diversificação no meio rural e é dada ênfase especial aos capitais, que interferem nas escolhas e combinações o produtor ou família rural vai fazer para desenvolver seus novos negócios.

3.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Seguem os termos e variáveis a serem utilizados na realização da pesquisa.

A estratégia de diversificação para Padilha (2010) é motivada por três pressupostos centrais, explicados pelo uso de recursos, pelo crescimento e pela adaptação as necessidades dos consumidores. Além desses aspectos, a estratégia de diversificação também pode fornecer a estabilidade de ganhos e a redução de risco por operar em outros negócios.

- Recursos: “São todos os ativos, capacidades, processos organizacionais, atributos, informação, entre outros, que são controlados pela empresa e que permitam a ela conceber e implementar estratégias que melhoram sua eficiência” (BARNEY, 1991, p.101).

- Motivos para diversificar: Com relação aos motivos pelos quais as famílias rurais diversificam, Barrett, Reardon e Webb (2001) mencionam que a diversificação dos negócios rurais agropecuários em atividades de negócio rural não agropecuário emerge naturalmente para diminuir ou variar o tempo de retorno de trabalho na terra, em razão das falhas do mercado (por exemplo, o crédito) ou das fricções (por exemplo, para a mobilidade ou entrada

em nichos de alto retorno), da administração de risco *ex-ante* e para lidar *ex-post* com os choques adversos.

De acordo com Barrett, Reardon e Webb (2001), poucas pessoas obtêm renda de uma única fonte, tendo sua riqueza na forma de bens únicos ou usando seus bens em apenas uma atividade. Segundo os autores são vários os motivos que levaram as famílias rurais ou indivíduos a diversificar seus bens, atividades e rendimentos, os quais são classificados em primários e secundários. Os motivos primários, segundo os autores, podem também ser chamados de *push factor* (fatores impulsionadores), que estariam relacionados a fatores de riscos (como as restrições a área de terra pressionada pelo aumento da população), reação à crises e demais custos elevados envolvendo transações. Já os motivos secundários, *pull factors* (fatores causadores), significam as estratégias complementares entre atividades, tais como a integração de cultura com animais domésticos, ou a industrialização da produção, especialização da atividade motivada pela incorporação de novas tecnologias, desenvolvimentos de habilidade e talentos, entre outros (BARRETT; REARDON; WEBB, 2001).

- Plataforma de capitais: De acordo com Ellis (2000), as cinco categorias de ativos que compõem a plataforma de sustento das famílias rurais são conceituadas como segue:

a) Capital natural: compreende a terra, água e os recursos biológicos que são utilizados pelas pessoas para gerar os meios de sobrevivência. Algumas vezes o capital natural é identificado como recurso ambiental, ou, ainda, como “meio ambiente”. Esse tipo de capital não é estático e sua utilização para fins de sobrevivência não está restrita a atividades como coleta e caça. Os recursos podem ser divididos em recursos naturais renováveis e não renováveis, que se condicionam às questões geográficas (região de montanha) ou não (planície) e são constantemente depredados de acordo com a taxa de extração por indivíduos que deles usufruem;

b) Capital físico: compreende o capital que é criado por meios de processos produtivos econômicos. Benfeitorias, máquinas, ferramentas, entre outros, são considerados ativos físicos. Em termos econômicos, o capital físico é definido como um bem de produção, contrastando com a ideia de bem de consumo. Tais recursos, quando servirem como residência da família, por exemplo, seriam considerados improdutivos; entretanto, passam a ser produtivos se a casa disponibilizar quartos para aluguel. No entanto, Ellis (2000) destaca que os avanços tecnológicos permitem a substituição de capitais naturais por capitais físicos ao longo do tempo e que esse processo de substituição pode potencialmente ajudar a reduzir a pressão sobre os recursos naturais que sofrem depredações fortes em determinadas regiões.

c) Capital humano: é o trabalho doméstico disponível, influenciado por variáveis como educação, habilidade e saúde. O capital humano pode ser incrementado pelo investimento em educação e treinamento, bem como pela potencialização das habilidades que são adquiridas no desenvolvimento da própria atividade proposta.

d) Capital financeiro e seus substitutos: compreende a liquidez que o grupo doméstico tem disponível para realizar suas estratégias; é um capital que pode ser potencializado com o acesso a uma linha de crédito subsidiada ou mesmo a fundo perdido. O capital financeiro, neste caso, não pode ser visto diretamente como forma produtiva de capital, mas cumpre sua função na plataforma de sustento das famílias ao converter-se em outras formas de capital ou ser utilizado diretamente no consumo. A característica fundamental deste tipo de ativo, na forma de dinheiro, é a sua fungibilidade, ou seja, a facilidade de ser facilmente empregado em diferentes usos;

e) Capital social: este termo tenta capturar os efeitos das relações do indivíduo ou unidade familiar com a comunidade na qual está inserido e seus acessos aos meios de sustento. É um termo que captura os vínculos do indivíduo e do grupo doméstico com a comunidade; em seu sentido social mais amplo, é a capacidade de inclusão social. Capital social definido desta forma inclui recursos sociais e ativos (ELLIS, 2000; NIEHOF, 2004).

- elementos que interferem no acesso aos capitais: como fatores que interferem no acesso aos capitais e, por consequência, afetam a estratégia de sustento estão as relações sociais, as instituições e as organizações, como fatores críticos para os meios de sustento por facilitarem ou inibirem o exercício da capacidade e de escolha dos indivíduos e unidades familiares, conforme se pode identificar nos estudos (ELLIS, 2000).

- processo de elaboração de estratégias de diversificação e uso de recursos disponíveis: É pertinente observar que a “diversificação é um processo social e econômico infinitamente heterogêneo, que abre uma miríade de pressões e possibilidades na economia rural” (ELLIS, 2000). Para Padilha (2009) o processo de diversificação de sustento é diferenciado em suas causas e efeitos em virtude da locação, da demografia, da vulnerabilidade, do nível de renda, da educação, entre outros fatores.

Autores como Scoones (1998) e Moser (1998), nos quais Ellis (2000) se apoiou para a construção do *framework*, também apontam outras aplicações dos modelos que eles próprios desenvolveram. Moser (1998), por exemplo construiu um *framework* para o estudo de estratégias de redução da pobreza urbana, na qual trabalha com um conjunto de ativos similares.

Avaliando a contribuição de Scoones (1998), percebe-se ser mais viável sua aplicação num conjunto de diferentes escalas (do indivíduo para a unidade família, do aglomerado específico de unidades familiares a um amplo conjunto de agrupamentos familiares, vilas, regiões ou mesmo nações).

Padilha (2009) desenvolveu a estrutura de análise da estratégia de diversificação de sustento rural, e uso dos capitais.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Conforme foi mencionado na introdução deste estudo, o setor selecionado para adaptar a estrutura de análise da estratégia de diversificação de sustento rural, e aplicar um estudo de caso foi o turismo no meio rural. E a seleção do roteiro das propriedades que foram estudadas foi selecionado por estar localizado no município de Victor Graeff/ RS.

A questão da cidade de Victor Graeff já se destacar na atividade turística foi um dos critérios utilizados na escolha, e também por participar do Festival Nacional da Cuca com Linguíça, considerado um evento nacional de grande porte e que segundo a Prefeitura Municipal em sua última edição o evento movimentou cerca de um milhão de reais, e circularam no evento cerca de oitenta mil pessoas. A cidade possui a praça considerada mais bela do estado, devido a sua beleza e esculturas de cipreste.

O foco da pesquisa esteve direcionado na diversificação, por isso foram estudadas sete propriedades rurais e a praça municipal, que se destacam na atividade turística regional além de possuir suas atividades consideradas agrícolas, mas que encontraram no turismo rural uma forma de diversificar e agregar valores a suas propriedades. Este estudo caracteriza-se como um estudo de caso.

Na execução das pesquisas foram entrevistados os proprietários das propriedades estudadas que são os responsáveis por estes processos.

3.4 PROCEDIMENTO E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Na presente pesquisa foi utilizada a coleta de dados primários e secundários.

a) Dados primários e instrumento da coleta

Os dados primários foram coletados nos meses de agosto à outubro de 2014, privilegiando todos os dias da semana, mas com um contato anterior onde foi verificado a possibilidade de encontro, em razão de que não existe dias certos para a baixa demanda.

Os contatos iniciais para agendamentos foram, por telefone, com a ajuda da EMATER/RS da cidade de Victor Graeff-RS, que auxiliou nas informações e apoio necessário.

Todas as propriedades estão localizadas no mesmo município, o que facilitou a coleta de dados, pois não necessitou de hospedagem nos devidos locais.

No presente estudo, os dados necessários para sua elaboração foram coletados e processados a partir de entrevista semiestruturada com os proprietários. Conforme Blos (2005), a entrevista serve para identificar os assuntos delicados ou confidenciais entre pessoas e ou grupos sociais que muitas vezes não estão dispostos a falar ou mostram restrições aos devidos questionários.

b) Dados secundários

Os dados secundários auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa, assim como já auxiliaram bastante no desenvolvimento do presente trabalho, dados como: livros, artigos, sites oficiais de informações, entre outros.

3.5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A técnica utilizada para interpretar os dados foi a análise de conteúdo que segundo Bardin (1997, p.42), conceitua a análise de conteúdo como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Os dados coletados, através entrevistas com roteiro semiestruturado, foram analisados através das categorias de análise, sendo as entrevistas transcritas e analisadas à luz da literatura selecionada.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esse capítulo apresenta uma descrição da organização estudada bem como os resultados obtidos na pesquisa e suas respectivas análises, e a partir das mesmas, apresentam-se também, sugestões.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

Conta-se que a colonização do município de Victor Graeff/RS, aconteceu pelos tropeiros que passavam pelo Arroio Cochinho, para matar a sede bebendo água das vertentes, e para descansar. Esses tropeiros tinham por destino a cidade de Cruz Alta-RS e arredores.

A vila que na época era chamada de Cochinho, pois recebia bastante pessoas, e assim foi crescendo, e em 23 de outubro do ano de 1965, surgiu o município de Victor Graeff. Uma homenagem ao advogado e grande político Victor Oscar Graeff, falecido durante o projeto de emancipação do município (Prefeitura Municipal).

Conforme dados da Prefeitura Municipal, o município de Victor Graeff está situado na região norte do estado do Rio Grande do Sul, a 270 Km da capital Porto Alegre e possui uma população de aproximadamente cerca de 3,292 habitantes formada principalmente por descendentes alemães. E a sua economia está baseada principalmente na produção de grãos, como, soja, milho, trigo e cevada.



Figura 3- Mapa indicativo do município de Victor Graeff- RS

Fonte: Wikipédia (out. /2014).

A cidade de Victor Graeff possui a praça considerada mais bela do estado, fundada em janeiro de 1982. A praça começou a ser atração na região, mas foi a partir de 1989, quando então o agricultor Fredolino Selmiro Schmidt, mais conhecido por seu Mírio, mudou-se do interior para a cidade e a partir daí dedicou sua vida a cuidar deste local sendo considerado um dos pontos turísticos do RS. O trabalho de Topiaria (mais conhecida por esculturas feitas através de poda no cipreste) desenvolvido na Praça Municipal Tancredo Neves exige paciência e dedicação, pois a planta demora em média dois anos para tomar a forma para poder ser trabalhada, mas isso foi problema para o senhor Fredolino, pois aguardava ansioso o crescimento da planta para poder trabalhar na mesma. Hoje ele está aposentado e quem continuou o serviço foram os funcionários da prefeitura municipal.

Por possuir a praça mais bela do estado, e isso chamar a atenção dos turistas, foi criado o Caminho das Topiarias, Flores e Aromas, um roteiro no qual inclui a praça municipal, e sete propriedades do município. Mas a primeira propriedade modelo, onde surgiu o primeiro jardim foi na residência da senhora Delci Gnich, na comunidade Faxinal, com o objetivo de manter o local, fazer a separação correta do lixo, cultivo de plantas ornamentais e jardinagem. A propriedade virou modelo para a comunidade, e a partir daí, em 2004 a Emater juntamente com a Prefeitura Municipal realizaram um concurso de jardins para estimular as propriedades a cuidar dos seus jardins, no ano seguinte surgiu o “Caminho das Topiarias, Flores e Aromas”.

Nas propriedades são encontrados belos jardins elaborados por donas de casa agricultoras que, no início elaboravam esses jardins como um hobby, mas chegaram a tal beleza que começaram a chamar atenção de todos e a oportunidade de montar um grupo foi de fundamental importância. E a partir daí surgiu a opção de divulgar e receber visitantes, pois o roteiro tem como objetivo chamar a atenção para a preservação dos recursos naturais e promover a qualidade de vida, e uma forma de diversificar a geração de renda nas famílias rurais.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DAS INSERÇÕES DAS PROPRIEDADES NO MEIO RURAL

Nessa etapa do estudo, serão apresentadas as peculiaridades das propriedades rurais que integraram a pesquisa.

4.2.1 Identificação e inserção das propriedades

a) Propriedade 1

Situada na Localidade de São José do Umbu, município de Victor Graeff, a propriedade foi fundada pelo senhor Valdir Koeche e sua esposa Nair Koeche, os quais ainda residem na mesma. A partir do ano de 1990, seu filho Volnei juntamente com sua esposa Ione iniciaram a atividade agrícola e com o passar do tempo foram adquirindo novas extensões de terra.

Entendendo que é uma propriedade familiar, além de diversificar através da agricultura e pecuária, Ione encontrou outra forma de diversificação, para aumentar o seu bem

estar na propriedade resolveu embelezar seu jardim, cultivando flores e plantas medicinais, e mais tarde no ano de 2000 resolveu abrir a sua propriedade para visitação. E a partir de 2005 foi incluída no “Roteiro caminho das Topiarias, Flores e Aromas”, sendo a primeira propriedade a ser visitada no roteiro.

Por iniciativa da proprietária juntamente com o grupo familiar a propriedade é a primeira a ser visitada no roteiro, após a visita na praça municipal. Sua área total é de 202 ha, dos quais 180 ha são destinados à agricultura; 20 ha para a pecuária e 2 ha que inclui a propriedade da família rural juntamente com o jardim de flores e plantas medicinais, e espaços destinados ao turismo no meio rural.

Com relação a adequação das instalações, o que se pôde captar da análise da entrevista é que a propriedade tem capacidade de atender no mínimo 10 pessoas e no máximo já foram atendidas 60 pessoas, pois a propriedades oferece o lanche da manhã.

b) Propriedade 2

A propriedade está localizada na Localidade de São José do Umbu, município de Victor Graeff. Iniciou sua atividade agropecuária no ano de 1987. É administrada pela entrevistada e seu esposo. E como forma de diversificar adotou a estratégia de diversificar suas atividades dando ênfase ao turismo no meio rural. A opção por diversificar as suas atividades por meio da exploração do turismo no meio rural deu-se por iniciativa coletiva, conforme foi explicado pela proprietária.

Foi em 2004 que surgiu o interesse de diversificar, o qual se deu através da prestação de serviço da atividade do turismo no meio rural, e em 2005, passou a integrar o “Caminho das Topiarias, Flores e Aromas”, sendo a segunda propriedade a ser visitada durante o roteiro.

Atualmente a área total da propriedade é de 62 ha, onde 60 ha são dedicados à criação de gado e leite para consumo próprio e a produção de grãos e 2 ha para o turismo no meio rural, tendo como principais atrativos turísticos da propriedade belos jardins, com flores de espécies antigas, peças de artesanatos antigas, artesanato produzido em cimento, na propriedade pelo esposo da Sirlei, como, pássaros e bancos.

Com relação à adequação das instalações, o que se pôde captar da análise da entrevista é que a propriedade não tem limite de capacidade, mas o grupo prefere receber até 40 pessoas. Segundo a entrevistada, se for um número maior acaba fugindo do controle.

c) Propriedade 3

A propriedade está localizada na Localidade de São José da Glória, município de Victor Graeff-RS. A proprietária, seu esposo e os dois filhos trabalham como empregados e residem na propriedade do Senhor Romeu Kohlrausch, pois já é um senhor de idade, e reside na cidade vizinha chamada Não Me Toque. Atualmente desenvolve atividades diversificadas, contando com a mão-de-obra familiar.

A família da entrevistada já trabalhava na agricultura própria que possui até hoje. Mas foi a partir do ano 1990, que iniciaram sua atividade na atual propriedade. As formas de geração de renda são diversificadas, a família possui terra própria para a produção de grãos, a produção de gado leiteiro, dedicando-se também ao trabalho assalariado e, por último a atividade de turismo no meio rural.

Como forma de valorizar a propriedade e deixando-a sempre limpa e bonita, dona Diva resolveu plantar flores e árvores no jardim. A partir do ano 2001, os jardins já estavam completos, e em 2005 começou a fazer parte do roteiro “Caminho das Topiarias, Flores e Aroma”, sendo a terceira propriedade a ser visitada no roteiro.

A área da propriedade compreende 1000 m², e a área reservada à agropecuária própria 30 há é destinada à produção de grãos e gado leiteiro. Também possui uma área de terra sendo do proprietário (senhor Romeu), a qual não foi divulgada a quantidade.

Cabe mencionar que a iniciativa de desenvolver o turismo no meio rural na propriedade e de fazer parte do roteiro foi da proprietária, mas segundo ela teve o apoio dos dois filhos.

No passeio na propriedade, o turista encontra fontes com água natural, flores, se tornando um belo encontro com a natureza. Quanto à capacidade, possui uma disponibilidade de receber no mínimo de pessoas e não tem limite máximo.

d) Propriedade 4

A propriedade está localizada na Localidade do Faxinal, interior do município de Victor Graeff/Rs. Atualmente desenvolve atividades ligadas à agricultura na produção de grãos e se dedica a atividade do turismo no meio rural, contando com a mão-de-obra da família rural.

Então no ano de 2001, a propriedade começou a desenvolver suas iniciativas relacionadas à exploração do turismo no meio rural. A iniciativa do turismo como mais uma fonte geradora de renda para a família, que é formada pela entrevistada, seu esposo e o filho

que é casado e que não reside na mesma casa se deu pela entrevistada, que desde então vem atuando na recepção e gerenciamento do turismo no meio rural juntamente com seu filho.

A área da propriedade compreende 101 ha. Da área total 1 ha é destinado ao turismo no meio rural e o restante, 100 ha, que compreende a agricultura onde o filho Juliano é o responsável.

Cabe mencionar que a iniciativa de desenvolver o turismo no meio rural foi muito apoiada pelo filho, pois ele sempre ajuda ela no que for preciso. Tanto que a entrevistada contou que resolveu embelezar seu jardim, por que antes tinha várias árvores no pátio, e estas estavam causando alergia nela, então pediu para o filho cortar as arvores e como opção começou a plantar flores e assim foi criando o seu jardim.

Quando o turista chega na propriedade, a entrevistada os recepciona com água e chimarrão, e conta como iniciou a atividade na propriedade e mostra a propriedade para os visitantes. Atualmente a propriedade recebe de dez a quinze pessoas, e no máximo vinte e cinco, conforme dados da entrevista.

e) Propriedade 5

A propriedade está localizada na Localidade do Faxinal, município de Victor Graeff/RS. A entrevistada e seu esposo iniciaram as atividades agropecuárias no ano 1991 e ao longo do tempo, a família vem investindo na propriedade.

Entendendo que é uma propriedade familiar, e a estratégia de diversificação no meio rural se faz presente, além da atividade agropecuária o turismo no meio rural também se destaca como uma atividade geradora de renda para a família rural. A atividade turística na propriedade iniciou em 2007, segundo a proprietária, na época o “Caminho das Topiárias, Flores e Aromas” já existia e ela foi uma das últimas a compor o roteiro, e hoje é a sexta propriedade a ser visitada.

Na época em que resolveu diversificar suas atividades no meio rural, a proprietária estava se sentindo muito depressiva, pois conforme a entrevistada informou, antes de residir na propriedade ela morava na cidade de Passo Fundo-RS, e após casar com seu atual esposo foi morar no interior, e não conseguiu se acostumar. A partir da exploração do turismo no meio rural a entrevistada começou a sentir ocupada, e viu na sua propriedade embelezada uma forma de se manter na área rural e de bem com ela mesma, e assim possuindo mais uma geração de renda para a família.

A área total da propriedade compreende 83 ha, sendo destes 80 ha destinados à produção agrícola, 2 ha para à produção da pecuária e o restante 2 ha são destinados à

atividade de turismo no meio rural, uma vez que o turista pode desfrutar de uma bela paisagem, com plantas, flores, jardins e pode fazer caminhada em uma trilha junto a um açude, com peixes.

Com relação à adequação das instalações, o que se pôde captar da análise da entrevista é que segundo o grupo de propriedades que compõe o “Caminho das Topiarias, Flores e Aromas”, foi estabelecido que poderá receber no mínimo 15 pessoas e no máximo 40 pessoas, até por que segundo ela tem outras propriedades que serve o lanche para os turistas, então precisa ter um controle no limite de pessoas. Percebe-se que há algumas divergências em relação as outras propriedades já entrevistadas, pois algumas informam um número de pessoas um pouco menor ou um pouco maior.

f) Propriedade 6

A propriedade está localizada na Localidade de Barro Preto, município de Victor Graeff/RS. Além do casal, residem na propriedade os dois filhos, que auxiliam nas atividades de turismo no meio rural. A opção por diversificar as atividades agropecuárias por meio da exploração do turismo no meio rural na propriedade se deu por iniciativa coletiva, conforme foi explicada pela proprietária que é filha da pioneira do turismo no meio rural no município de Victor Graeff/RS, dona Delsi Gnich.

Foi no ano de 1998, que a entrevistada e seu esposo retornaram para o meio rural. Conforme dados da entrevista, antes disso eles residiram um tempo na cidade de Passo Fundo/RS, ela cursou 2 anos e meio a faculdade de Agronomia, mas resolveram voltar para o interior, pois o esposo não se acostumou na cidade. Então optaram pelas atividades de geração de renda dentre elas o turismo no meio rural. Hoje Anegrid reside na propriedade que era da sua mãe e continua o trabalho que foi iniciado. A entrevistada informou que iniciou suas atividades de turismo em 2005 e continua até hoje.

Atualmente, a área total da propriedade é de 55 ha, sendo 50 ha (arrendada e própria) destinados à produção de grãos, 4 ha são destinados à pecuária e 1 ha destinado à atividade de turismo no meio rural e a produção de flores para serem comercializadas. Os principais atrativos oferecidos na propriedade é o encontro do turista com a natureza, segundo a entrevistada o turista conhece todas as atividades que acontecem na propriedade, desde a produção de flores, pois a família cria ovelhas, gado e cavalos.

Quanto à adequação e à qualidade das instalações, durante a entrevista foi informado que a propriedade já recebeu no máximo 50 pessoas, mas acaba se tornando difícil conduzir o

pessoal na propriedade. Então o ideal para a entrevistada é de 35 à 40 pessoas para todos poder ser bem atendidos.

g) Propriedade 7

A propriedade está localizada na Localidade de São José da Glória, município de Victor Graeff/RS. Atualmente também desenvolve suas atividades diversificadas, contando com a mão-de-obra família rural e também a mão-de-obra contratada.

Foi no ano de 1980, que a propriedade iniciou as atividades agropecuárias, dedicando-se a cultura de grãos e criação de animais. Então, foi a partir do ano de 2000 que a proprietária resolveu participar de cursos sobre paisagismo e começou a embelezar sua propriedade. A partir do ano de 2005, passou a integrar o roteiro “Caminho das Topiarias, Flores e Aromas” sendo a oitava propriedade a ser visitada.

A área total da propriedade compreende aproximadamente 125 ha, sendo destes 22 ha destinados a sede da família rural, onde se destaca a atividade de turismo no meio rural, 100 ha compreende a produção agrícola e o restante 3 ha que são destinados a pecuária.

Na análise da capacidade de atendimento e de serviços oferecidos são recebidas na propriedade em média 20 pessoas por excursão, pois segundo a entrevistada, é servido o lanche da tarde no local e, como cardápio cuca com linguiça que segundo ela é o prato típico do município, e assim se torna mais fácil atender estas pessoas.

Nº	ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS	ÁREA (ha)	FONTE DE RENDA	ATRATIVOS TURÍSTICOS
1	Produção de grãos, leite para autoconsumo	202	Agrícola e turística	Passeio nos jardins, área de produção de plantas medicinais e café da manhã
2	Produção de grãos atividade leiteira e bovinocultura de corte para autoconsumo	62	Agrícola e Turística	Flores exóticas, antiguidades, paisagem e artesanato feito em Cimento
3	Soja, milho, trigo, cevada e leite	30	Agropecuária, salário aposentadoria	Paisagem e passeios em jardins de flores
4	Soja, milho, trigo e cevada	101	Agrícola e turística	Paisagem e passeio em jardins de flores com ênfase em orquídeas
5	Soja, milho, trigo, cevada e leite	83	Agrícola, leiteira e turística	Jardins, galinhas, açude para pesca
6	Soja, trigo, milho, cevada, produção de flores, ovinocultura e bovinocultura	55	Agropecuária, jardinagem, paisagismo e turística	Visitação do local e comercialização de flores
7	Soja, trigo, milho, cevada e leite	125	Agrícola, leiteira e turística	Visita guiada e café da tarde com ênfase para a prato típico local que é a “cuca com linguiça”

Quadro 1- Resumo das propriedades estudadas

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

4.3 MOTIVOS PARA DIVERSIFICAR NO MEIO RURAL

4.3.1 Implementação da atividade turística

a) Propriedade 1

A busca de novas fontes de sustento na propriedade de Ione se deu através do turismo no meio rural como uma forma de diversificar suas atividades, e a principal motivação foi através de cursos oferecidos pela prefeitura, pois essas mulheres que residem no interior estavam muito depressivas, muito para baixo e para aumentar a autoestima foi oferecido um curso de jardinagem e através deste curso o trabalho coletivo se iniciou.

O apoio técnico foi através da Emater, e segundo o proprietário, o projeto técnico foi através do curso de paisagismo oferecido pela própria Emater.

Outra questão importante foi a de que essa atividade de turismo no meio rural não necessitou de financiamento externo, as fontes de recursos para investimento na propriedade são próprias.

De outro lado, também se pôde identificar uma dificuldade, que foi de encontrar mão-de-obra para atuar no setor, como apresentado a seguir.

b) Propriedade 2

O que motivou a implantação da atividade de turismo no meio rural na propriedade foi que, com o passar dos anos, os dois filhos saíram de casa e para se sentir ocupada optou-se pela atividade, já que a propriedade possuía uma bela paisagem, então Sirlei se dedicou a ela. E também pela autoestima.

Por se tratar de uma atividade coletiva, assim como a propriedade anterior, o apoio veio através da Emater e Prefeitura Municipal.

Outra questão importante foi a de que o turismo no meio rural não demandou financiamento externo, sendo utilizados somente recursos próprios, até por que não necessitou de muitos recursos. Segundo a proprietária foi algo que aconteceu naturalmente.

De outro lado, também identificou-se que houveram dificuldades, a qual residiu em encontrar força humana para mover algo no pátio, que na maioria das vezes ela não poderia fazer sozinha.

c) Propriedade 3

A principal motivação para o desenvolvimento do turismo no meio rural na propriedade da dona Diva foi que ela sempre gostou muito de flores, e de arrumar o jardim. Segundo a entrevistada, não teve projeto técnico, quem muito ajudou foram os seus filhos que sempre a incentivaram e também as amigas do curso de jardinagem e a partir daí começou a se envolver e acabou fazendo parte do turismo.

Assim, viabilizou-se com recursos financeiros próprios, mais uma estratégia de diversificação de sustento da família rural. Para a proprietária não foi encontrada nenhuma dificuldade no início da atividade de turismo no meio rural. Segundo a mesma, foi se virando aos poucos, comprando flores ou arrumando flores com as amigas, pois segundo elas se trocavam as flores para plantar.

d) Propriedade 4

A principal motivação para o desenvolvimento da atividade do turismo no meio rural na propriedade foi a ideia de poder mostrar para outras pessoas as flores que a entrevistada cultivava, que segundo ela gosta muito de orquídeas e possui uma grande variedade da espécie.

O apoio técnico, conforme dados da entrevistada, veio através de um curso de jardinagem, feito nas próprias casas, e quem auxiliou bastante foi a funcionária Rose que na época trabalhava na Emater.

Assim viabilizou com recursos financeiros próprios, mais uma estratégia de diversificação de sustento da família rural. Para a proprietária não teve nenhuma dificuldade no momento inicial.

e) Propriedade 5

A principal motivação para o desenvolvimento da atividade de turismo no meio rural, foi através de um convite recebido de uma comadre que na época fazia parte do roteiro, para participar de um curso oferecido pelo SENAC. Seria um curso referente ao roteiro, onde, quem não participaria desse curso não poderia fazer parte do roteiro. A entrevistada resolveu fazer o curso, para sua propriedade ser incluída no “Caminho das Topiarias, Flores e Aromas”.

Quando questionada sobre o apoio técnico, a entrevistada informou que quem a auxilia e a Anegrid e sua mãe Delsi Gnich, que também participam do roteiro.

Outra questão importante foi a de que a o turismo no meio rural não demandou financiamento externo, uma vez que as fontes de recursos para investimento na propriedade foram todas próprias.

De outro lado também se pôde identificar um ponto negativo, que residiu na dificuldade de encontrar mão-de-obra contratada para trabalhar na atividade de turismo no meio rural, que segundo a proprietária disse que não encontra pessoas que queiram trabalhar com flores e plantas.

f) Propriedade 6

Como foi verificado na propriedade, que a motivação para diversificar as atividades de sustento rural deu-se pela sua mãe, a principal motivação. No entanto, o processo de implantação do turismo no meio rural na propriedade contou com apoio técnico principalmente da Emater e Prefeitura Municipal, que segundo a entrevistada não teve distinção entre partidos políticos, todos auxiliaram da mesma maneira.

Dentre os principais problemas enfrentados no início do empreendimento e até hoje é a falta de um local para a associação, o grupo não tem um lugar específico para se reunir, principalmente quando tem algum curso. Então ela pretende construir uma sala na sua casa e disponibilizar esse espaço para reuniões e cursos do grupo.

Outra questão importante é que até o momento, a atividade de turismo no meio rural não demandou financiamento externo, os recursos para investimentos na propriedade foram todos próprios. Mas a entrevistada informou, que no dia seguinte da entrevista ela iria até o Banco do Brasil da própria cidade, para verificar a disponibilização de crédito destinada à área do Turismo.

g) Propriedade 7

A principal motivação para a atividade de turismo no meio rural na propriedade de Rejane M. Schultz, foi a dona Delci Gnich considerada a mãe dos jardins e o embelezamento da propriedade. No entanto, ao decidir pela opção do turismo no meio rural a proprietária realizou cursos oferecidos pela Emater e Senac e através dos quais teve um apoio técnico.

Assim, viabilizou-se com recursos próprios, mais uma estratégia de diversificação de sustento da família rural. Segundo a entrevistada, não encontrou nenhuma dificuldade inicial.

Com base nas entrevistas realizadas com as proprietárias, percebeu-se que são vários os motivos que levaram as propriedades a diversificar suas atividades, e em todas as

propriedades a atividade de turismo no meio rural viabilizou-se através de recursos próprios não necessitando de financiamentos externos.

4.3.2 Dados da ocupação da mão-de-obra na atividade de turismo no meio rural

a) Propriedade 1

Por se tratar de uma propriedade que diversifica seus meios de subsistência, em seus negócios diversificados que se contemplam a produção agropecuária, a produção agrícola e o turismo no meio rural. Na atividade agrícola e pecuária, foram envolvidos o esposo, o filho e o sogro.

No turismo no meio rural, assim como na agricultura, na pecuária, é aproveitada a mão-de-obra das mesmas pessoas, e a sogra também a auxilia.

A entrevistada informou que ela é a responsável pela tomada de decisões referente ao turismo no meio rural. Nesse aspecto, quando questionado à representante sobre a família da propriedade rural que receberam algum tipo de treinamento, soube-se que somente ela se dedicou, participando especificamente aos cursos de jardinagem, plantas medicinais, recepção de turistas e sobre turismo.

De outro lado, para suprir as necessidades de mão-de-obra na propriedade rural, a estratégia adotada foi a de contratação. Na agricultura, pecuária e turismo no meio rural é um funcionário, que auxilia em todos os serviços em geral. E que já está trabalhando na propriedade há vários anos, pois foi contratado pelo sogro da entrevistada.

Em termos de qualificação, existe a preocupação em qualificá-lo, sendo oferecidos cursos mas vagamente ele se interessa, quem o auxilia é o esposo e sogro.

Constatou-se que existe dificuldade na mão-de-obra contratada, a qual está cada vez mais difícil, pois não se encontra mais mão-de-obra no interior, os jovens estão indo para a cidade para estudar e trabalhar.

b) Propriedade 2

Conforme se observou durante a entrevista, os dados da ocupação da mão-de-obra é familiar, principalmente na atividade de turismo no meio rural e agropecuária onde não exige muitos funcionários, somente a entrevistada e seu esposo. Nas atividades agrícolas, existe uma troca de serviços chamada “parceria”, onde existe uma troca de favores, o esposo da

Sirlei empresta o seu maquinário para outro senhor utilizar, e em troca esse senhor planta a lavoura da família da entrevistada.

Para a entrevistada, a ocupação mão-de-obra familiar é muito importante, segundo ela tem que ser a própria a “colocar a mão na massa”, caso contrário não dá certo. Já que quem toma as principais decisões na propriedade relacionadas ao turismo no meio rural é a própria. Nesse aspecto, quando questionado sobre as pessoas da família rural que receberam algum tipo de treinamento técnico, soube-se que somente ela se dedicou à realização de cursos, principalmente cursos oferecidos pelo Senac.

Na propriedade não é utilizada a estratégia de contratação de mão-de-obra externa. Pois ocorre uma forma de trabalho denominada “parceria”.

c) Propriedade 3

Conforme se observou durante a entrevista, a atividade de turismo no meio rural na propriedade é uma atividade que além que compor a geração de renda da família, exige mão-de-obra familiar, para a entrevistada a mão-de-obra familiar é muito importante.

Desse modo, percebeu-se que na propriedade, além da geração de renda do turismo e agricultura e pecuária, se destacou a geração de empregos. A família é contratada para trabalhar na propriedade. Portanto, não utiliza-se da mão-de-obra contratada.

A entrevistada informou que são 4 pessoas que trabalham na propriedade, o esposo e os dois filhos que trabalham na agropecuária, e na atividade de turismo no meio rural, são três filhos que ajudam a organizar os jardins e ela recepciona os turistas.

Relacionando-se aos aspectos de mão-de-obra especialmente no turismo no meio rural, os dados coletados mostram que, em termos de treinamento e capacitação para atuar neste negócio, quem auxilia é o filho mais novo que estudou engenharia florestal e no momento está cursando o mestrado e que segundo a entrevistada ele sempre se interessou e a auxilia sempre no que for preciso.

d) Propriedade 4

Por se tratar de um empreendimento familiar, que diversifica suas atividades, como forma de geração de renda para a família rural, tecnicamente, absorveram a mão-de-obra familiar, em especial na atividade de turismo no meio rural. Na atividade agrícola foi envolvido o filho, o qual é o responsável pelo setor, e também pela contratação de funcionários. A entrevistada não soube passar mais informações sobre as contratações. No

turismo no meio rural, e a entrevistada quem mais está presente, mas nos momentos em que necessita de alguém é o filho quem a ajuda.

A entrevistada informou que é ela a principal tomadora de decisões, principalmente quando precisa comprar flores, por exemplo. Nesse aspecto, quando perguntado sobre as pessoas da família rural que receberam algum tipo de treinamento ela informou que foi ela quem recebeu treinamentos, através de cursos de jardinagem. Assim, percebeu-se na propriedade estudada, que a mão-de-obra familiar é bastante valorizada, e o filho da entrevistada concilia a atividade agrícola com a atividade de turismo no meio rural.

e) Propriedade 5

Observou-se que na propriedade estudada, por se tratar de um empreendimento familiar, a diversificação dos meios de subsistência se dá através da agropecuária e do turismo no meio rural e as mesmas absorvem a mão-de-obra familiar e contratada. Na atividade agropecuária foram envolvidos o esposo e um funcionário contratado. No turismo no meio rural a entrevistada informou que, que ela recepciona os turistas e a filha a auxilia; nas atividades como cortar a grama e serviços pesados, o esposo e o funcionários fazem estes serviços.

No decorrer da entrevista percebe-se que a entrevistada é quem toma as decisões relacionadas ao turismo no meio rural. Nesse aspecto, quando questionado à respondente sobre as pessoas da família rural que receberam algum tipo de treinamento técnico, soube-se que somente ela se dedicou. Segundo a proprietária no início da atividade participou de cursos de jardinagem e fez um curso do Senac, que no momento não lembrou o nome do curso.

De outro lado, para suprir as necessidades de mão-de-obra na propriedade rural, foi contratado um funcionário que já está trabalhando na propriedade durante quinze anos. Esse funcionário auxilia o esposo da entrevistada na agricultura e na atividade de turismo no meio rural.

Em termos de qualificação, existe uma preocupação em capacitar e/ou atualizar a mão-de-obra existente, tanto a da família quanto a contratada. Neste aspecto, o esposo da proprietária participa de cursos oferecidos pela Cooperativa Cotrijal, e pela Emater e depois repassa os conhecimentos para o funcionário Domingos.

Constatou-se que não existe dificuldade na mão-de-obra contratada, até por que já faz quinze anos que este funcionário trabalha na propriedade e conforme a proprietária relatou, ela não sabe o que vai ser no dia em que este funcionário sair de lá.

f) Propriedade 6

Como se trata de um empreendimento familiar, negócios diversificados que contemplam a produção agropecuária e a de turismo no meio rural, e que sem dúvida absorvem a mão-de-obra familiar, e principalmente, no turismo no meio rural. Na atividade agropecuária é responsável o esposo e a entrevistada auxilia ele na lavoura em épocas de mais movimento, como por exemplo, na safra. No turismo no meio rural, é aproveitada a mão-de-obra do filho Emerson de quatorze anos que auxilia no caixa, pois na propriedade existe a comercialização de flores, e da filha Luane a qual não foi informada a idade, que conforme a entrevistada informou auxilia os turistas quando precisam ir aos banheiros ou precisam tomar água.

Um aspecto interessante foi mencionado pela proprietária quanto à utilização da mão-de-obra familiar “[...] crianças não podem trabalhar, mas podem ajudar, até por que eu sempre explicou para os dois (filhos) que não são filhos de doutor e médicos e eles tem que ajudar para saber de onde vem as coisas que estão dentro de casa.”

De outro lado, para suprir as necessidades da mão-de-obra na propriedade rural, a estratégia adotada é a contratação. A propriedade produz e comercializa flores, então necessita-se de funcionários para essa atividade, são três funcionários contratados, que se responsabilizam pelas flores, estufas e jardins.

Ao mencionar sobre a forma de seleção da mão-de-obra contratada, a entrevistada informou que para ela não existe mais, tem que dar graças quando encontra alguém que queira ficar. O pessoal admira muito como ela consegue contratar pessoas. Mas segundo ela tem bastante jovens que saíram do interior para trabalhar na cidade, e hoje estão retornando e surge a preocupação dos pais, referente aos meios de subsistência desses filhos no interior.

Em termos de capacitação, existe a preocupação em capacitar por parte da proprietária, e segundo ela os funcionários têm interesse em aprender, pois são bastante humildes, mas tem muita sabedoria, e isso fez com que o nível deles elevasse. O que se torna difícil é o acesso a essa capacitação, pois referente ao informado na entrevista, falta um local próprio para esses cursos, e na maioria das vezes quando são oferecidos exige-se uma quantidade mínima de pessoas e quase que na maioria das vezes não encontra.

Constatou-se que não existe dificuldade na gestão da mão-de-obra contratada, conforme a propriedade 6 informou, ela sabe lidar com eles e eles possuem prática nos serviços prestados.

g) Propriedade 7

Conforme se observou na análise da entrevista realizada na propriedade da Rejane M. Schultz, a atividade de turismo no meio rural também é um agente que viabilizou o sustento da família rural, e por sua natureza também ocupa mão de obra familiar. Dessa forma, a propriedade também pode ser considerada como geradora de empregos.

A proprietária informou que na agropecuária possui um funcionário do sexo masculino que auxilia seu esposo nos serviços gerais e quando necessita, ele auxilia na atividade de turismo no meio rural. Na atividade de turismo no meio rural, possui uma funcionária do sexo feminino que é a esposa do funcionário da agropecuária.

Relacionando-se aos aspectos de mão-de-obra, especialmente a contratada, os dados coletados mostram que em termos de capacitação para atuar nas atividades, o funcionário da agropecuária faz cursos para se capacitar e sua esposa recebe o auxílio da entrevistada que atua na atividade de turismo no meio rural.

Ainda com relação à seleção da mão-de-obra contratada para trabalhar na propriedades, a proprietária informou que fazem vinte e seis anos que o funcionário trabalha na propriedades e foi contratado novo em termos de idade e que foi apreendendo ao longo do tempo. Não foram identificadas dificuldades na gestão da mão-de-obra familiar.

4.3.3 Dados da formação e composição da renda

Com base na concepção de que as atividades diversificadas no meio rural viabilizam o sustento da família rural e, por consequência, a permanência de seus membros nesse espaço, que promove a absorção da mão-de-obra familiar, e a geração de empregos, consideração importante é no sentido de identificar a formação e composição da renda das atividades e, neste caso, na produção (agropecuária), na prestação de serviços (turismo no meio rural) e outras atividades diversificadas (floricultura e prestação de serviço assalariado).

Nessa direção, a tabela 1 busca sistematizar um resumo das sete propriedades estudadas, e as informações foram fornecidas pelas proprietárias.

Tabela 1- Formação e composição de renda, das sete propriedades estudada

PROPRIEDADE	ATIVIDADE		RENDA (EM %)
1	Agropecuária	Atividade leiteira	20
		Produção de grãos	75
	Turismo no meio rural	Visitação e lanche da manhã	5
2	Agrícola	Produção de grãos	80
	Turismo no meio rural	Visitação	20
3	Agropecuária	Atividade Leiteira	30
		Produção de grãos	20
	Atividade Assalariada	Prestação de serviços	30
	Turismo no meio rural	Visitação	20
4	Agricultura	Produção de grãos	80
	Turismo no meio rural	Visitação	20
5	Agropecuária	Atividade leiteira	15
		Produção de grãos	80
	Turismo no meio rural	Visitação	5
6	Agropecuária	Pecuária	5
		Produção de grãos	70
	Floricultura e Paisagismo	Venda de flores e serviços	20
	Turismo no meio rural	Visitação e comercialização	5
7	Agropecuária	Produção de grãos	70
		Atividade leiteira	20
	Turismo no meio rural	Visitação e lanche	10

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Percebe-se propriedade 1, sobre a formação da renda das atividades diversificadas, que a atividade de turismo no meio rural tem uma participação menor quando comparada a agropecuária e agrícola. No entanto, cabe mencionar que a participação da prestação de serviço de turismo no meio rural tem participação de 5%, renda relativa a alimentação e a visitação.

Percebe-se na análise da propriedade 2, sobre a formação da renda das atividades diversificadas na propriedade, que a produção de grãos tem uma participação maior quando comparada a atividade de turismo no meio rural.

Analisando as opções de sustento na propriedade 3, a que possui maior participação é a atividade agropecuária seguida da atividade assalariada, representa um pouco mais da metade dos rendimentos da família rural. Já a atividade de turismo no meio rural, apresenta a mesma participação relacionada à produção de grãos da família rural que seria 20%.

Se comparado ao sustento gerado na propriedade 2, o turismo no meio rural na propriedade 4, tem uma mesma participação que equivale a 20% nas duas propriedades. Vale ressaltar que essa identificação poderia apresentar um percentual mais elevado, devido aos meios de diversificação da renda que são somente dois, a agricultura e o turismo no meio rural.

Percebe-se na análise da propriedade 5, sobre a formação da renda das atividades diversificadas da propriedade, que a atividade de turismo no meio rural apresenta uma menor participação quando comparada as agropecuárias. No caso, a agropecuária tem uma maior participação seguida do turismo no meio rural.

Percebe-se na análise da propriedade 6, sobre a formação da renda das atividades diversificadas na propriedade, novamente a atividade de turismo no meio rural tem uma menor participação quando comparada às agropecuárias e a floricultura. No entanto, cabe ressaltar, que conforme dados da entrevistada, se torna difícil fazer uma média relativa à atividade de turismo no meio rural, pois teve uma excursão que ela chegou a ganhar R\$ 1.500,00 referente a venda de flores. E varia bastante, pois os meses de maior demanda é de setembro à março e, segundo ela depende do tempo estar em condições boas para os ônibus poder trafegar no interior.

Analisando as opções de sustento na propriedade 7, a que possui a maior participação é a agrícola na produção de grãos, seguida da atividade da pecuária, a propriedade também obtém uma renda da atividade de turismo no meio rural considerada um pouco inferior as demais atividades.

No que se refere a geração de renda na atividade de turismo no meio rural, a proprietária informou, que recebe por pessoa ou seja, a cada turista que visita a propriedade ela recebe R\$ 4,00 pela visita e R\$ 10,00 relativos ao lanche da tarde.

Analisando as sete propriedades estudadas, cabe ressaltar que a diversificação na renda das famílias rurais está presente em todas as propriedades, e a atividade de turismo no meio rural, se mostra como uma atividade que contribui na geração de renda, e assim uma forma de diversificação a mais que contribui para o sustento das famílias rurais.

4.3.4 Gestão e administração financeira

a) Propriedade 1

Com relação à gestão e a administração financeira, a proprietária informou que é ela quem toma as decisões relacionadas ao turismo no meio rural. Segundo ela a preocupação sempre existe. O processo de fixação de preços é feito através da associação que se reúne para fixar os preços.

Assim, quando questionado sobre a origem dos recursos financeiros para desenvolver a atividade de turismo no meio rural, identificou-se que a maior parte, em torno de 80% dos recursos é proveniente da atividade agropecuária e os demais 20% da própria atividade do turismo. Então neste ponto complementa-se as análises feitas anteriormente ao se identificar que a propriedade financia suas atividades com recursos próprios.

b) Propriedade 2

Por se tratar de uma propriedade rural, onde a família rural diversifica sua geração de renda e de alguma forma desempenham suas funções, sendo a atividade de turismo no meio rural uma das formas de obter seu sustento, na análise dos aspectos inerentes as tomadas de decisões relacionadas ao turismo no meio rural, a proprietária revelou que essa função é dela e sempre deve estar atenta para com o controle financeiro. Referente ao processo de fixação de preços, é a associação dos jardins que se reúne uma vez por mês e estipula os preços do roteiro.

Assim, quando questionado sobre a origem dos recursos financeiros para desenvolver a atividade de turismo no meio rural, identificou-se que a maior parte, em torno de 80% dos recursos é proveniente da agricultura e os demais 20% advêm do próprio negócio.

c) Propriedade 3

Na análise de tomada de decisão da gestão e da administração financeira, a principal responsável é a proprietária. Que se preocupa com a geração da renda, e que se torna muito importante e que se mantém na família. E, quanto ao processo de fixação de preços é a associação que define.

No momento em que a entrevistada foi questionada sobre a origem dos recursos financeiros para desenvolver a atividade de turismo no meio rural, identificou-se que cerca da metade ou seja, 50% provem da atividade agropecuária e o restante outros 50% da atividade assalariada.

d) Propriedade 4

Com relação à gestão e à administração financeira, a proprietária informou que é ela quem toma as decisões, relacionadas ao negócio do turismo no meio rural, e quando questionada sobre o grau de preocupação com o controle financeiro informou que é alto. E o processo de fixação de preços, quem decide é o roteiro.

Assim, quando questionada sobre a origem dos recursos financeiros utilizados para desenvolver a atividade de turismo no meio rural, identificou-se que esses recursos provêm da aposentadoria da entrevistada em torno de 100%, que segundo ela em relação a aposentadoria afirmou que ainda bem que ela tem isso ou seja, o benefício do INSS.

e) Propriedade 5

Com relação à gestão e a administração financeira, a proprietária informou que é ela quem toma as decisões relacionadas ao negócio do turismo no meio rural.

O controle financeiro é uma prioridade na família, segundo a entrevistada todos os membros da família devem ter o controle, para saber o que pode ser gasto e também o que não pode gasto.

Assim quando questionada sobre a origem dos recursos financeiros para desenvolver a atividade de turismo no meio rural, identificou-se que a grande maioria dos recursos advém da agropecuária totalizando 100%.

f) Propriedade 6

Com relação à gestão e à administração financeira na propriedade de Anegrid, a proprietária informou que os responsáveis pelas decisões tomadas no negócio de turismo no meio rural é ela e o esposo, segundo ela os dois sempre tem que estar juntos para que ocorra tudo bem.

O controle financeiro é muito importante, e ela apresenta uma alta preocupação, por que são várias formas de diversificação de atividades que geram renda, e acaba misturando os lucros aí não existe um controle da qual está gerando mais lucro e a que está gerando menos lucro. Nesse momento a entrevistada comentou que também faz decorações em festas, que no momento anterior da entrevista disse que esqueceu de falar. Segundo ela, a agricultura passou por uma crise e mais uma forma de diversificar foi através da decoração.

Assim, quando questionada sobre a origem dos recursos financeiros para desenvolver a atividade de turismo no meio rural, identificou que a prioridade é utilizar o recurso da

própria atividade, pois o dinheiro que ela recebe do turista tem como objetivo ser investido na própria atividade de turismo no meio rural. E também foi comentado, que na propriedade recebe uma grande quantia de clientes do paisagismo e o valor recebido também investe na atividade turística.

Referente ao processo de fixação de preços, é feito através de reuniões com a associação, onde elas fazem pesquisas com os próprios turistas sobre os preços em outros locais que ofereçam atividade turística, para ter uma base e fixar os seus preços. Pois segundo ela, não se pode trabalhar de graça, precisa visar os lucros.

g) Propriedade 7

Conforme estudado na entrevistas anteriores, nesta propriedade estudada a diversificação nas atividades da família rural também se faz presente, na análise dos aspectos inerentes a tomada de decisão relacionada ao turismo no meio rural, a proprietária respondeu que é ela quem toma as decisões. Em termos de grau de preocupação com o controle financeiro a entrevistada respondeu que sempre existe essa preocupação.

Assim, quando questionada sobre a origem dos recursos financeiros para desenvolver atividade de turismo no meio rural, identificou-se que a grande parte 99% advêm da própria atividade de turismo no meio rural e o restante 1% da agricultura. Este ponto complementa as análises feitas anteriormente ao se identificar que as outras 7 propriedades estudadas até o momento financiam suas atividades com recursos próprios.

4.3.5 Assistência técnica

a) Propriedade 1

Assim como nas atividades agropecuárias, a assistência técnica se faz presente e possui uma grande importância, e no turismo no meio rural não é diferente. Este tipo de serviço é realizado pela Emater, sendo considerado como muito bom. Como dificuldades foram citadas as estradas, que nem sempre estão adequadas à sua utilização.

b) Propriedade 2

Conforme dados coletados na entrevista com a proprietária quando foi abordada a questão da assistência técnica, chama atenção por que ela demonstrou uma preocupação, devida às doenças que se encontram nas plantas, e na lavoura. A propriedade recebe

assistência técnica da Cotrijal, uma cooperativa localizada na cidade de Victor Graeff/RS. Na maioria das vezes os atendimentos ocorrem por telefone, e são utilizados os mesmos produtos da lavoura nas plantas do jardim, porém em doses menores. A proprietária está satisfeita com a assistência técnica que recebe e mencionou que é muito bom o apoio recebido.

c) Propriedade 3

Conforme dados coletados na entrevista com a proprietária quando foi abordada a questão da assistência técnica ela informou que é o filho quem a auxilia. Vale destacar que é um aspecto muito importante a assistência técnica em termos de continuidade, pois devido a ela muitos problemas serão resolvidos ou nem chegariam a aparecer. Até o momento, a proprietária não encontrou nenhuma dificuldade, e facilidade foi informado que a assistência vem do próprio filho.

d) Propriedade 4

Conforme dados da entrevista, a assistência técnica é feita através da Emater, que sempre a auxilia. E não destaca nenhuma dificuldade encontrada até o momento. E como facilidade, ela informou que no início a Emater auxiliou muito e continua auxiliando.

e) Propriedade 5

A proprietária informou que recebe assistência através da Emater, e quem auxilia bastante é a Anegrid, que é proprietária de uma floricultura e trabalha com plantas e também auxilia a entrevistada. Não foi encontrada nenhuma dificuldade e como facilidade a entrevistada informou que a própria colega e roteiro a auxilia sempre que for preciso.

f) Propriedade 6

Na propriedade rural, principalmente na atividade de turismo no meio rural, a assistência técnica também se faz presente através da própria Emater da cidade de Victor Graeff/RS. E a professora do curso de Agronomia da Universidade de Passo Fundo- RS (UPF) Cláudia Petri, que auxilia bastante, e sempre que precisa ela indica algum produto para as plantas, e também fornece informações. Nesse aspecto a entrevistada mencionou que foi iniciado um trabalho de identificação das plantas da propriedade com a mesma professora, mas devido à falta de tempo ainda não foi acabado. A entrevistada informou que não encontrou nenhuma dificuldade e quanto à facilidade informou que sempre que necessita de assistência consegue rápido.

g) Propriedade 7

A proprietária informou que a assistência técnica é feita através da Emater. A entrevistada informou que até o momento não encontrou nenhuma dificuldade, e quanto às facilidades não soube informar.

4.3.6 Divulgação

a) Propriedade 1

A divulgação é uma ferramenta de grande importância para o turismo no meio rural. A estratégia empregada para divulgar o “Caminho das Topiárias, Flores e Aromas”, é feita em exposições na região, como a Expodireto uma das principais feiras do agronegócio na região promovida pela Cooperativa Agropecuária e Industrial Ltda. (Cotrijal), realizada na cidade de Não Me Toque/RS, cidade vizinha de Victor Graeff/RS, numa distância de 15 quilômetros. Outras formas de divulgar é através da Prefeitura Municipal, juntamente com a Emater.

b) Propriedade 2

A divulgação do roteiro é feita através do site da Prefeitura Municipal; facebook do próprio “Caminho das Topiarias, Flores e Aromas” e também em feiras. E, quando se trata de custos, foi informado que a associação paga uma parte e o restante os patrocinadores.

Outro meio de comunicação utilizado, foi a televisão, onde a entrevistada informou que foi feita uma reportagem para a TV Record, onde foi destacado o turismo no município de Victor Graeff/RS, que na opinião dela será importante para a divulgação do turismo do município para a região.

c) Propriedade 3

De acordo com os dados coletados na entrevista, a forma de divulgar o roteiro “Caminho das Topiarias, Flores e Aromas” é através das feiras, em especial a Expovig, que acontece no município de Victor Graeff/RS. E esta divulgação é feita através da distribuição de folders.

d) Propriedade 4

Uma das questões importantes acerca do turismo no meio rural, é a sua divulgação. A estratégia empregada na propriedade da entrevistada, e que inclui o “Caminho das Topiarias, Flores e Aromas” é feita através da Emater e da Prefeitura Municipal.

e) Propriedade 5

A entrevistada informou que todo ano o roteiro participa em feiras como a Expodireto na cidade de Não Me Toque/RS, a Emater e a Prefeitura Municipal ajudam na divulgação, sendo que os folders é a prefeitura que dispõe. Vale ressaltar que ela informou que sempre que tem um evento importante elas participam.

f) Propriedade 6

Como forma de divulgar o roteiro “Caminho das Topiarias, Flores e Aromas”, é feita através da divulgação no site da Prefeitura Municipal, e através da participação em feiras que são várias.

g) Propriedade 7

A divulgação do roteiro “Caminho das Topiarias, Flores e Aromas” no entendimento da proprietária é feita através da distribuição de folders, pois as proprietárias dos jardins sempre participam de feiras, e em especial a Expointer, localizada em Esteio/RS.

Nas entrevistas realizadas, percebeu-se que a divulgação é feita de várias maneiras, principalmente em feiras na região através de *folders*. Percebeu-se, que, para as entrevistadas a divulgação é uma ferramenta importante na atividade e que elas participam em vários eventos na região com o objetivo de divulgar o roteiro.

4.4 DIVERSIFICAÇÃO DOS MEIOS DE SUBSISTENCIA

4.4.1 Estratégia de diversificação de sustento rural

A diversificação de sustento rural é um dos meios pelos quais muitos indivíduos reduzem o risco (PADILHA, 2009).

Com relação às estratégias de sustento, Ellis (2000) identifica-as como o conjunto de ativos que o indivíduo ou a unidade familiar dispõe e que é medido por fatores sociais e tendências exógenas, o que resulta na adoção e adaptação ao longo do tempo.

a) Propriedade 1

Verificou-se que a ideia de diversificar o sustento rural e de explorar outras atividades partiu dela mesma. Antes de optar pela exploração do turismo no meio rural a entrevistada chegou a pensar em outra atividade. Relata a entrevistada “eu pensei em um aviários de galinhas poedeiras, e meu marido me disse: tu está ficando louca.”

b) Propriedade 2

A ideia de diversificar suas atividades através da exploração do turismo no meio rural partiu dela mesma, e antes de optar pela atividade turística não chegou a pensar em outra atividade.

c) Propriedade 3 4 e 7

A ideia de optar pela atividade do turismo no meio rural também partiu da própria entrevistada, que até o momento de investir na atividade do turismo não chegaram a pensar em explorar outra atividade que gerasse renda na propriedade.

d) Propriedade 5

Já, na propriedade 5, a ideia de diversificar o sustento por meio do turismo no meio rural, partiu dela mesma. E informou que nunca pensou em outra atividade. Conforme o relato da entrevistada, o marido não se interessa a atividade de turismo no meio rural, para ele é somente a agricultura.

e) Propriedade 6

Na propriedade 6, a ideia de diversificar o sustento da família partiu da proprietária, mas segundo ela, sempre o esposo Luis Fernando sempre a apoiou e ajuda bastante. Relata a entrevistada “tentamos morar na cidade, não acostumamos. E depois até pensamos em aviário, piscicultura, tantas coisas que poderiam ser aproveitadas no interior, tantas maneiras de gerar renda, até de arrendar mais terra.”

Observa-se na análise das entrevistas, um ponto em comum: a ideia de diversificar o sustento rural, de explorar outras atividades além das até então praticadas, partiu somente das proprietárias.

Entretanto, o processo de diversificação tem os seus motivos. Para Barret, Reardon, e Webb (2001), as famílias rurais, diversificam seus negócios rurais agropecuário em negócios rurais não agropecuários com o intuito de diminuir o tempo de retorno do trabalho na terra, em razão das falhas do mercado (por exemplo, o crédito), das fricções (por exemplo, para a mobilidade ou entrada em nichos de alto retorno), da administração de risco *ex-ante* e para lidar *ex-post* com os choques adversos.

a) Propriedade 1

Para a propriedade 1, os motivos que levaram à opção pelo turismo no meio rural tiveram relação com determinados aspectos “para embelezar a propriedade, os filhos não querem mais ficar no interior, então podem trazer os amigos, e se sentir bem na propriedade”.

b) Propriedade 2

Analisando a mesma questão, ou seja, os motivos que impulsionaram a diversificação das atividades produtivas que contribuem para a melhoria do padrão de vida da família rural, a entrevistada na propriedade 2 declarou “foi através do grupo, que se reuniu e fez o curso promovido pela Emater, e essa paisagista que promoveu o curso nos incentivou. Então todas nós gostamos da ideia e resolvemos levar a sério, e como, todas estavam morando no interior, levamos adiante e continuamos até hoje.”

c) Propriedade 3

Quanto a propriedade 3, para a sua proprietária os motivos que levaram a implementação da atividade turística no meio rural para “(...) participar do turismo.”

d) Propriedade 4

Segundo a entrevistada na propriedade 4, também teve seu motivo inicial, para implementar a atividade de turismo no meio rural foi segundo ela “eu tinha muita alergia das arvores, e meu filho inventou de arrancar todas as arvores alergia, e plantar grama e flores. E por isso, comecei e nunca mais tive alergia.”

e) Propriedade 5

Conforme dados da entrevista com a proprietária da propriedade 5, referente aos motivos que impulsionaram a diversificação das atividades produtivas, ela informou que “(...) sempre ajudei a tirar leite e queria mudar.”

f) Propriedade 6

Em se tratando de motivo para implementar a estratégia de diversificação no meio rural, a proprietária da propriedade 6, que atualmente reside na propriedade considerada mãe do roteiro dos jardins, como motivação informou que “precisava aumentar a fonte de renda, e como já estava tudo pronto, por que não?”.

g) Propriedade 7

E por último a propriedade 7, para a entrevistada os motivos que levaram a propriedade a diversificar e optar pela atividade de turismo no meio rural, foi “(...) por gostar de jardins, e para ter mais recursos que gerasse renda.”

Na análise das respostas das entrevistas realizadas com as sete envolvidas diretamente com o turismo no meio rural nas propriedades estudadas, as respostas convergem para pontos diferentes, as propriedades 1, 2, 3 e 4: embelezar a propriedade; através de curso; participar do turismo; a derrubada de árvores que causava alergia. A propriedade 5, conforme dados coletados na entrevista informou que sempre auxiliou na atividade leiteira e resolveu mudar de atividade. Já as propriedades 6 e 7 convergem para um ponto em comum: gerar e aumentar a fonte de renda.

Outro aspecto, que se concentra na estrutura de análise proposta e que foi alvo da coleta de dados foi a identificação de fatores que facilitaram e dificultaram a implementação da estratégia de diversificação de sustento no meio rural. Com relação a isto, Ellis (2000) comenta que, quando se eliminam os obstáculos de acesso e geração de oportunidades para a expansão da diversificação dos meios de subsistência, os indivíduos e as famílias desenvolvem maior capacidade de alcançar um sustento seguro, e assim, melhorar seu padrão de vida.

Buscando verificar a realidade da implementação da estratégia de diversificação de sustento no meio rural, como em qualquer outro negócio que opta por uma atividade diversificada.

a) Propriedade 1

Na propriedade estudada, percebeu-se que ocorreram situações que em determinados aspectos contribuíram e, em outros, dificultaram seu desenvolvimento. Segundo ela:

“o que mais facilitou e que era algo que estava faltando, pois até o momento tinha como ponto turístico somente a praça, e isso foi um fator que facilitou e as dificuldades, temos as estradas que estão ruins, e faltam placas de sinalização, para o pessoal que não conhece aqui, fica difícil de se localizar”

b) Propriedade 2

Conforme dados da entrevistada, que informou que a facilidade foi de que veio tudo ao natural, e que não encontrou nenhuma dificuldade na implantação da estratégia de diversificação no meio rural.

c) Propriedade 3

Na propriedade 3, foram identificados os fatores que facilitaram a implantação da estratégia de diversificação no meio rural que foi “a amizade com as colegas de grupo do “Caminho das Topiarias, Flores e Aromas”, e que fizeram vários cursos juntas”. E fatores que dificultaram a implementação não foram encontrados pela entrevistada.

d) Propriedade 4

Segundo dados da entrevistada, o fator que facilitou foi, arrancar as árvores e até o momento a entrevistada não encontrou nenhuma dificuldade.

e) Propriedade 5

Assim como na propriedade 5, que como facilidade foi que “(...) eu já tinha um belo jardim e isso facilitou bastante”. E até o momento a entrevistada não encontrou nenhuma dificuldade.

f) Propriedade 6

Para a proprietária, o que facilitou a implementação da estratégia de diversificação no meio rural, foi “(...) a própria produção de flores na propriedade”. E como fator que dificultou informou que não encontrou nenhum até o momento.

g) Propriedade 7

Conforme dados da entrevista, a proprietária informou o que mais facilitou a implementação da estratégia de diversificação no meio rural, foi “(...) a Delci Gnich sempre meu auxiliou, desde pequena eu ia passear na casa dela e sempre admirava a sua propriedade.” E não foi encontrado nenhum fator que dificultou a implementação da estratégia de diversificação na propriedade.

Analisando as entrevistas das sete envolvidas no negócio de turismo no meio rural nas propriedades estudadas, o fator que facilitou o início do turismo no meio rural na propriedade 1 foi a atividade do turismo no município que já é reconhecido através da praça municipal, na propriedade 2 foi informado que veio tudo ao natural, já para a propriedade 3, foi através da valorização das amizades e cursos, enquanto para a propriedade 4 foi a limpeza feita através da retirada das arvores, já a propriedade 5, já tinha sua propriedade embelezada, enquanto que a propriedade 6 possuía a sua floricultura com a produção de flores, e a propriedade 7 desde pequena via na propriedade da amiga um exemplo para ser seguido, foram fatores decisivos para o sucesso de cada empreendimento estudado. Percebe-se que as facilidades encontradas variam muito de uma propriedade para a outra. Quanto aos aspectos que contribuíram negativamente, podem-se mencionar a falta de sinalização nas estradas do interior, como no caso da propriedade 1.

4.4.2 Acesso e uso dos capitais

4.4.2.1 Capital Natural

No entendimento de Ellis (2000), o capital natural é compreendido pela terra, água, e recursos biológicos, que são utilizados pelas pessoas como insumos na geração dos meios de sobrevivência. Conforme Padilha (2009), este tipo de capital não é estático e sua utilização para fins de sobrevivência não está restrita às atividades como coleta e caça. Segundo a autora, os recursos ainda obedecem a uma divisão os renováveis e não renováveis, que se condicionam às questões geográficas (por exemplo, uma região montanhosa) ou não (por exemplo, as planícies).

a) Propriedade 1

A propriedade estudada dispunha de uma variedade que pode ser utilizada no novo negócio (turismo no meio rural). Conforme a entrevistada

(...) temos as matas, o solo, as vertente e a água do riacho. A água da vertente é limpa, pois no meio da mata não contaminação, e também é boa para beber e além de tudo pode ser transportada pela irrigação o que se torna importante para os jardins.

Entretanto, a propriedade é carente de espécies frutíferas que poderia contribuir para o incremento dos recursos naturais, pois a região possui um clima favorável para o cultivo das espécies. Além disso, a propriedade tem como vantagem a exploração da água natural e de boa qualidade.

b) Propriedade 2

Quanto ao acesso e uso do capital natural na propriedade de Sirlei Schropell, a proprietária revelou na entrevista:

Aqui na nossa propriedade temos várias coisas, temos a terra, água e os recursos biológicos que podem ser utilizados pelas pessoas. A qualidade da água é muito boa e também quando iniciamos os jardins, não necessitou fazer terraplanagem, procuramos manter o natural.

c) Propriedade 3

Na propriedade da entrevistada, além da água natural caracterizada como limpa e boa, se destaca “um rio que temos na propriedade”.

d) Propriedade 4

Na propriedade 4, a água também foi o recurso natural mais lembrado, mas segundo ela “(...) é sem coloro”.

e) Propriedade 5

Já na propriedade estudada, quanto ao acesso e uso do capital natural, revelou a entrevistada “eu tenho água pura e potável à vontade que vem para a casa, e também para os dois lagos que eu tenho no jardim, vem direto da fonte.”

f) Propriedade 6

Na propriedade estudada, alguns recursos naturais se diferenciam dos identificados em outras propriedades. Conforme a proprietária relata:

A paisagem em si e o lugar aonde a gente morra. O pessoal vem aqui e ficam encantados, não disso só a questão do jardim, muitos homens que vem pra cá olham as lavouras, e admiram o silêncio que existe e o sossego que tem nas propriedades e outra coisa que temos na propriedade, é de fazer com que se reaproveite a água da chuva, as estufas e os galpões tem um sistema de calhas onde a água da chuva vai pelo cano por baixo da terra e vai para um açude. Pois como não temos vertente na parte das estufas e casa, então colocamos uma lona especial, que na época em que compramos nos custou R\$6.000,00. Achamos que ia valer a pena, e não me arrependo jamais por que toda a água da chuva vai para o açude e através de uma bomba vai para as flores.

Ao questionar a entrevistada sobre a categoria dos renováveis ela informou:

Para mim a água e as plantas são consideradas renováveis, do nosso jardim sai muitas plantas para a venda. No meu jardim existem 460 espécies de plantas catalogadas. Tem muitas plantas aqui na propriedade que não se encontra em outras floriculturas.

Verifica-se que na propriedade estudada o capital natural é bastante aproveitado e ao mesmo tempo faz com que este capital se renove.

g) Propriedade 7

Na propriedade 7, os recursos naturais que a entrevistada tem acesso são “(...) a água que é muito importante para as plantas e para os animais, para os açudes e vem da fonte. E, para a casa a água vem do poço artesiano.”

Analisando o capital natural na perspectiva de sua disponibilidade e uso na viabilização da estratégia de diversificação de sustento no meio rural, explicada pelo turismo no meio rural. No entanto, pode-se notar nas propriedades estudadas, a ocorrência de rios, vertentes, nascentes de água limpa, própria para beber e para regar as plantas e os jardins. Assim, pode-se destacar que existe uma preocupação em manter a preservação destes recursos por parte do produtor rural e sua família. E, quando questionado sobre a categoria de renováveis e não renováveis somente a entrevista na propriedade 6 soube informar.

4.4.2.2 Capital Físico

O segundo capital identificado por Ellis (2000) é o físico, tipo de capital que compreende as benfeitorias, máquinas, ferramentas, infraestruturas (estradas, linhas de abastecimento de energia e suprimento de água).

a) Propriedade 1

Quanto ao acesso e uso do capital físico, na propriedade ganha destaque “(...) as máquinas agrícolas que são utilizadas na lavoura como o trator, é utilizado nos jardins também. Sendo renovados conforme vai a safra.”

b) Propriedade 2

Na entrevista realizada com a proprietária, os capitais físicos identificados na propriedade são “benfeitorias, máquinas, ferramentas, entre outros. E no jardim especial a pá, o rastel e a enxada.”

c) Propriedade 3

A proprietária, identificou como capital físico “(...) a cortadora de grama”.

d) Propriedade 4

Conforme dados da entrevista feita com a proprietária Delci Worst, os recursos físicos que a entrevistada tem acesso e que foram lembrados no momento foram “(...) enxada, pá e a cortadora de grama”.

e) Propriedade 5

Na entrevista feita com a proprietária, a entrevistada comentou sobre o capital físico que tem acesso “(...) máquina de cortar grama a gasolina, por que o pátio é grande, e o trator eu utilizo para fazer a limpeza do pátio.”

f) Propriedade 6

Nesse aspecto, para a proprietária Anegrid G. dos Santos, a entrevistada destacou:

Nós temos dois tratores, conseguimos comprar mais um caminhão, que serve tanto na planta, quanto na colheita e para a floricultura. Mas chegou num ponto em que eu tinha que parar de fazer os jardins na época da planta, e não deu certo até por que o cliente não pode esperar e por isso compramos mais um caminhão. Então hoje temos dois caminhões, e um carro para os funcionários da floricultura. Acabamos também

investindo em o que chamamos de tobá. A própria Expodireto que são utilizadas 8.000 caixas de flores, então imagina uma pessoa cavocar tudo sozinha, não tem como, então investimos no tobá que cavouca a terra e deixa pronta. Outro investimento, é que quando podamos os jardins, reaproveitamos os resíduos, pois compramos uma máquina que tritura estes resíduos e que utilizo como adubação para as plantas.

g) Propriedade 7

Na entrevista realizada com a proprietária a entrevistada informou que utiliza “(...) os maquinários da lavoura.”

Os dados coletados remetem a análise de que o capital físico foi um elemento que limitou a estratégia de diversificação de sustento no meio rural, a partir da exploração de turismo no meio rural. Isso pôde ser observado que na maioria das propriedades utilizam as máquinas agrícolas na própria atividade de turismo no meio rural. No entanto, ao comparar a propriedade 6 com as demais, percebe-se que os maquinários são utilizados em todas as atividades de diversificação da geração de renda.

4.4.2.3 Capital Humano

Outro capital identificado por Ellis (2000) como importante na estratégia de diversificação é o humano. Para o autor, o capital humano é o trabalho doméstico disponível, influenciado pela educação, habilidade e saúde, e pode ser incrementado em educação e treinamento, bem como pela potencialização das habilidades adquiridas no desenvolvimento da própria atividade.

a) Propriedade 1

Pelos dados coletados na entrevista da propriedade, percebe-se que o capital humano foi importante para atividade de turismo no meio rural, segundo ela:

Na atividade de turismo no meio rural, auxiliam na recepção dos turistas, a minha sogra e o meu sogro, eu preparo os lanches que são servidos, eu faço capacitações através de cursos que são oferecidos na área do turismo. Meu marido e meu filho trabalham na estruturação da propriedade.

b) Propriedade 2

Nos dados coletados referentes ao capital humano, a entrevistada afirmou que “a mão de obra familiar é o trabalho físico doméstico disponível e influenciado.”

c) Propriedade 3

Na propriedade o capital humano também se encontra presente assim como nas demais propriedades estudadas, pois segundo ela “os filhos sempre auxiliam na atividade de turismo no meio rural.”

d) Propriedade 4

Nesse aspecto a proprietária entrevistada mencionou o que em outras etapas da entrevista já informou que seu filho ajuda muito ela, nesse momento ela voltou a informar que “graças a ele, que auxilia sempre em tudo, mas quem recepciona os turistas sou eu, com água e chimarrão.”

e) Propriedade 5

Entendendo que em todo o negócio competitivo é imprescindível a disponibilidade de recursos humanos, no caso da propriedade 5, esta necessidade foi suprida, pois para a entrevistada, ao questionar sobre o capital humano, ela informou “(...) é de toda a família.”

f) Propriedade 6

Referente aos dados coletados na entrevista realizada com a proprietária, percebe-se que o capital humano é muito importante na atividade de turismo no meio rural. Nesse aspecto, assim como o casal, os filhos também participam, conforme se observou nos dados da entrevista realiza com a proprietária “eu, meu esposo e meus dois filhos e quando necessário chamo os funcionários da floricultura. Eu e o meu esposo fizemos cursos, ele através da Cooperativa Cotrijal e passamos para os nossos filhos no dia a dia.”

g) Propriedade 7

Assim como em todas as propriedades estudadas até o momento, o capital humano é de grande importância e envolve a mão-de-obra familiar, na propriedade de Rejane M. Schultz, ao questionar sobre este capital, ela informou que “a mão-de-obra familiar é muito boa e de fácil acesso.”

A análise dos dados relativos ao capital humano coletados nas entrevistas realizadas nas sete propriedades contribui para a elaboração de algumas ponderações: a mão-de-obra

familiar está presente em todas as propriedades, possui um alto grau de importância e de valorização e utilização do conhecimento de pais para filhos (Propriedade 1).

4.4.2.4 Capital Financeiro

Quanto ao capital financeiro, compreendido pela liquidez que a família rural tem disponível para realizar suas estratégias, também tem chances de ser potencializado com o acesso às linhas de crédito o qual é facilmente empregado em diferentes usos (ELLIS, 2000).

O Quadro 2 compreende a utilização do capital financeiro próprio, sua origem, e utilização de capital de terceiros.

Propriedade	Existência de capital próprio na atividade de turismo no meio rural	Origem do capital próprio	Capital de terceiros utilizados
1	Sim	Agropecuária	Não
2	Sim	Agricultura	Não
3	Sim	Agropecuária, salário, atividade do turismo	Não
4	Sim	Aposentadoria	Não
5	Sim	Agricultura	Não
6	Sim	Agricultura, Floricultura e atividade do turismo	Não
7	Sim	Agricultura	Não

Quadro 2- Utilização do capital próprio e origem do capital de terceiros

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Conforme dados coletados nas entrevistas com as sete propriedades, concluiu-se que em todas elas o capital utilizado para a atividade de turismo no meio rural é próprio, e como percebe-se, esse capital próprio tem origem da agropecuária nas propriedades (propriedades 1 e 2); agricultura (propriedades 2; 5; 6 e 7) da própria atividade do turismo (propriedades 3 e 6); de aposentadoria (propriedade 4) e atividade de floricultura (propriedade 6).

Vale ressaltar, que no momento da entrevista com a proprietária da propriedade 6, informou que até o momento tinha utilizado somente recursos próprios, mas que no dia seguinte iria até a agência do Banco do Brasil, na cidade de Victor Graeff/RS, para ver se conseguiria algum empréstimo destinado ao turismo.

4.4.2.5 Capital Social

O último capital, o social, também foi significativo no processo de viabilização da estratégia de diversificação de sustento no meio rural nas propriedades estudadas. Para Ellis (2000), este termo tenta capturar os efeitos das relações do indivíduo, ou unidade familiar, na comunidade na qual está inserido e seu acesso aos meios de sustento.

Conforme dados das entrevistas com as sete propriedades, a forma como as famílias se relacionam com a comunidade e tipos de vínculos com a comunidade.

a) Propriedade 1

Na propriedade verificou-se que a entrevistada, seu esposo, o sogro e a sogra tem um bom relacionamento com a comunidade, segundo a entrevistada “participamos em igreja, clube de mães, grupo de mulheres, meu sogro e minha sogra participam da terceira idade. E o meu marido é sócio da cooperativa Cotrijal.”

Como pontos positivos ela destacou “relacionando-se com a comunidade, você sempre aprende.” E pontos negativos, “às vezes se estressa, mas é normal.”

b) Propriedade 2

Ao analisar os vínculos estabelecidos na propriedade 2, com a comunidade em que se insere, algumas informações mostram-se importantes:

Aqui no interior, através da igreja, clube de mães, e Oase. Eu tenho bastante convivência com os vizinhos, e posso dizer que as minhas vizinhas me tem como exemplo para fazer os jardins delas.

Para ela os pontos positivos em relacionar-se com a comunidade:

Ser uma pessoa honesta, com vontade de trabalhar e ajudar o próximo, que é o que fizemos na igreja. E os pontos negativos, sempre existe alguma coisa, mas temos que passar por cima disso.

c) Propriedade 3

Conforme dados da entrevista da propriedade 3, dados coletados também se apresentam importantes, que segundo a entrevistada:

Nós fizemos parte de muita coisa na comunidade, meu marido é vice-presidente da comunidade, eu e meu marido cantamos no coral e ele é o presidente do coral. Eu faço parte da Oase e sou a tesoureira.

Para a entrevistada os pontos positivos em relacionar-se com a comunidade segundo ela “isso me faz viver melhor participar da comunidade e em corais”. E pontos negativos não foram identificados.

d) Propriedade 4

Com base no capital social, a entrevistada informou que “participa do clube de mães, da igreja católica e do grupo de bolão e seu esposo é sócio da cooperativa Cotrijal”. Segundo ela os pontos positivos em se relacionar com a comunidade é que “os encontros são bons” e pontos negativos não encontrou nenhum.

e) Propriedade 5

A entrevistada informou que participa “da comunidade e na igreja”. E encontra como pontos positivos “(...) a amizade, a parceria, e na comunidade precisa trabalhar em equipe.” E não encontrou pontos negativos.

f) Propriedade 6

Ao analisar os dados coletados na entrevista com a proprietária, também percebeu-se que a família toda da entrevistada tem vínculos com a comunidade, algumas informações coletadas na entrevista que mostram-se importantes: “nós somos da comunidade católica, que somos sócios, participamos da diretoria e eventos. Eu sou a secretária do próprio roteiro “Caminho das Topiárias, Flores e Aromas”. Meu marido joga futebol onde me consegue em várias cidades, participamos muito. E também somos sócios na cooperativa Cotrijal (informação verbal).

Para a entrevistada, os pontos positivos em relacionar-se com a comunidade “aonde você vai você tem amigos, eu sempre digo que nós não temos um grupo de amigos, temos vários, que são o do futebol e o do coral. Eu canto e a Luani também. O Emerson canta no da escola, e no infante juvenil em Victor Graeff/RS.” E também foram encontrados pontos negativos que segundo ela “o nosso único receio, é que no interior a segurança é pouca e quando se trata de turista você nunca sabe quem está entrando na propriedade.”

g) Propriedade 7

Já na propriedade 7 a entrevistada informou “me relaciono com a comunidade e participo da Oase, e também na associação do roteiro que se reúne uma vez por mês.” Como pontos positivos “conversamos sobre o turismo, e aproveito para divulgar”. Em relação aos pontos negativos em se relacionar com a comunidade não foram encontrados.

Partindo da afirmação de que o capital social é imprescindível para os empreendimentos de turismo no meio rural, no entendimento de Moser (1998), este tipo de capital também pode ser definido com uma reciprocidade existente entre comunidades e entre unidades familiares, a qual se embasa na confiança derivada das ligações sociais. Resumidamente, os dados empíricos, coletados nas sete propriedades estudadas são expressos pela participação dos produtores rurais em igrejas, clubes de mães, organizações cooperativas e associações.

4.4.3 Quanto à identificação dos capitais críticos

a) Propriedade 2

Quanto a identificação das necessidades dos capitais que foram críticos para a implementação da estratégia de diversificação no meio rural, e neste caso, o turismo no meio rural, o proprietária relatou “uma coisa que eu tenho que mudar, é um galpão, e não encontro ninguém para ajudar, já estou esperando fazem três meses. A mão-de-obra está muito escassa.”

Conforme se pode notar, um dos entraves da atividade é a falta de mão-de-obra que nesse caso não necessita ser contratada, mas de uma forma geral é a falta de mão-de-obra podendo ser contratada ou até mesmo familiar.

b) Propriedade 6

Analisando os dados coletados da entrevista feita com a proprietária, referente à identificação das necessidades dos capitais críticos, percebe-se que “as estradas detonaram com a chuva, aí temos que esperar até que a prefeitura faça sua reposição. Não existe nenhuma máquina na comunidade que venha logo resolver.”

Percebe-se que se torna difícil o acesso ao capital físico, onde a proprietária mencionou que devido às fortes chuvas, as estradas ficam detonadas e relatou que demora para vir uma máquina para consertar.

Com base nesses aspectos as propriedades 1, 3, 4, 5 e 7 não encontraram nenhum capital considerado crítico.

4.5 ELEMENTOS QUE MODIFICAM E INTERFEREM NO ACESSO AOS CAPITAIS

4.5.1 Elementos que modificam o acesso aos capitais

A partir do surgimento das organizações, o que se observa atualmente no mundo dos negócios é uma dinâmica de complexidade que afeta todo e qualquer tipo de empreendimento, não importando sua natureza (PADILHA, 2009). O que pode-se de acordo com os estudos da autora, é que essas ponderações podem ser muito bem observadas no atual cenário de crise mundial, que gera insegurança nos mercados e impacta definitivamente na mudança de direção das estratégias adotadas pelas empresas e no agronegócio não poderia ser diferente e em especial no meio rural.

É nesse sentido que Ellis (2000) menciona as relações sociais, as instituições e as organizações como fatores críticos para a mediação dos meios de sustento, as quais podem facilitar ou inibir o exercício da capacidade de escolha dos indivíduos e unidades familiares.

No que se refere à identificação dos elementos que modificam o acesso aos capitais pelos produtores, especificados pelas relações sociais, os dados coletados.

a) Propriedade 1

Nesse aspecto, ao questionar sobre os elementos que modificam o acesso aos capitais, a proprietária informou “que o governo poderia investir mais no turismo”.

b) Propriedade 2

Na propriedade 2, em relação aos elementos que modificam o acesso aos capitais, e entrevistada informou que “a idade, que aqui ficaria difícil uma pessoa de mais idade frequentar a propriedade, mas se tiver um bom condicionamento físico não tem problema.” E outro elemento importante que a entrevistada encontrou foi “talvez a dificuldade de financiamento no país, acaba influenciando em tudo, por que se a prefeitura não recebe ajuda, fica difícil para o município.

Quando questionadas sobre os elementos que interferem no acesso aos capitais as demais propriedades 3, 4, 5, 6 e 7 não souberam informar.

Considerando as respostas das duas propriedades entrevistadas, percebeu-se que dentre os elementos que modificam o acesso aos capitais no negócio do turismo no meio rural, evidenciam-se o governo, e a idade.

4.5.2 Elementos que interferem no acesso aos capitais

Conforme Padilha (2009), dentre as contribuições teóricas apresentadas no segundo capítulo deste livro, ao tratar da estratégia de diversificação de sustento rural, Frank Ellis é um dos que mais se aproxima do objetivo deste estudo. A autora menciona que, ao se identificar *in loco* os elementos que interferem no acesso aos capitais que são importantes para o turismo no meio rural, Ellis (2000) considera que o acesso e uso destes capitais ou recursos disponíveis às famílias rurais podem ser modificados por um conjunto de fatores, assim como estar sujeito as tendências do meio ou às externalidades negativas não esperadas (choques externos).

a) Propriedade 1

Conforme dados da entrevistada, para ela “(...) a migração, as pessoas estão abandonando o interior indo para a cidade, por isso precisa melhorar a propriedade para as pessoas ficar.”

b) Propriedade 2

Em relação aos dados coletados durante a entrevista, em relação as tendências econômicas segundo ela, “nós estamos indo para o lado das vacas magras, o mundo inteiro está balançando, olha o noticiário que você vê como estão indo as coisas”.

c) Propriedade 5

Em relação aos elementos que interferem no acesso aos capitais, a entrevistada mencionou que “está difícil a mão-de-obra no interior, os jovens estão indo embora para a cidade e a tecnologia está cada vez mais avançada e que também exige menos pessoas para trabalhar.”

d) Propriedade 6

Conforme dados coletados da proprietária, a entrevistada informou que:

A questão do próprio fato dos jovens estar saindo do interior. E as próprias pessoas idosas enquanto elas conseguem se manter no interior ficam, mas no momento em que elas não conseguem mais elas vendem tudo e vão embora para a cidade.

Em relação aos preços, a mesma informou que:

Com os custos que se tem em uma propriedade não compensa mais plantar, é o que eu sempre digo que é uma vergonha, e os governantes não tem noção da importância da agricultura no nosso país. Pois para a indústria funcionar a agricultura têm que estar bem.

e) Propriedade 7

Segundo a entrevistada, ao questionar sobre os elementos que interferem no acesso aos capitais a entrevistada informou que “o êxodo rural, vejo pelos meus vizinhos que forma embora e as propriedades estão vazias.”

Quando questionadas sobre os elementos que interferem no acesso aos capitais as demais propriedades 3 e 4 não souberam informar.

Nesse entendimento, pôde-se notar que dentre os elementos que interferem no acesso aos capitais foram mencionadas, a migração, a baixa economia nacional e o elevado custo na produção agrícola.

4.5.3 Choques

a) Propriedade 1

Quando questionada sobre os choques, a proprietária informou que “o que mais afeta a propriedade é a seca, por que não adianta molhar as plantas e as pragas.”

b) Propriedade 2

Nesse aspecto, quanto aos os choques em especial “(...) a seca, enchente, não tem tanto problema, e as pragas existem também.”

c) Propriedade 3

Na propriedade 3, na visão da entrevistada durante a entrevista mencionou que “a seca” é um dos principais choque que de alguma maneira poderá interferir no acesso aos capitais.

d) Propriedade 4

Quando questionado sobre os choques, foram informados que a seca, e a pragas são os fatores que mais influenciam.

e) Propriedade 5

E em relação aos choques, a entrevistada mencionou que “a chuva, por exemplo, agora nos últimos dias, já temos medo de possa diminuir a produção, muitas pragas também, por que o clima nem sempre está favorável.”

f) Propriedade 6

Ao questionar sobre os choques a entrevistada informou que “na propriedade já tivemos problemas com, geada, chuva de pedra e temporais. Tanto que hoje estamos pagando dividas e renegociações em função do tempo.”

g) Propriedade 7

Referente aos choques a proprietária informou que para ela “a seca é o pior, pois há três anos, atrás tivemos uma grande perda na lavoura devido à seca.”

O acesso aos capitais pode sofrer interferências através dos choques, dentre as sete propriedades estudadas, pôde-se notar eu os choques que mais se destacam nestas propriedades são: a seca, as pragas, o excesso de chuvas, geada chuva de pedra e temporais. Então percebe-se que são vários os fatores que podem influenciar e gerar interferências no acesso aos capitais.

Portanto, em se tratando de acesso aos capitais, Padilha (2009) menciona que quanto maior for o acesso aos capitais, maior será a capacidade de sustento do indivíduo ou da unidade familiar analisada, o que enfatiza ainda mais a importância da capacidade de gerenciamento dos relacionamentos que facilitam este acesso e sua transformação em estratégias de sustento em “resultados” propriamente ditos.

4.6 ASPECTOS GERAIS DA ESTRATÉGIA DE DIVERSIFICAÇÃO DE SUSTENTO NO MEIO RURAL

4.6.1 Impacto na atividade turística na agricultura familiar

a) Propriedade 1

Na propriedade, a atividade de turismo no meio rural possui um grau de importância considerado médio para a economia familiar, conforme mencionado por sua proprietária. Além disso, o turismo no meio rural também contribuiu para o resgate das tradições familiares, tais como a cultura alemã, através da sua gastronomia, e o cultivo de plantas medicinais, que foram resgatadas pois a avó da proprietária também as cultivava. Não é somente o resgate destas tradições, mas a sua inserção de atrativos turísticos que são oferecidas na propriedade pesquisada.

Quando perguntado quanto aos resultados esperados do negócio de turismo no meio rural, as respostas se voltam para um apoio maior, e também referente ao turismo no meio rural a valorização local, pois os turistas que visitam as propriedades geralmente são de outras regiões e por parte da população local poderia ter uma maior valorização.

No entanto, existem planos para o futuro, no investimento do turismo no meio rural na propriedade, segundo a proprietária sempre tem o que melhorar, principalmente no que se refere à propriedade e jardins; aumentar as benfeitorias, o local onde é servido o lanche está pequeno e deve ser ampliado.

b) Propriedade 2

Na propriedade estudada, o turismo no meio rural tem baixa significância, mas segundo ela poderia ser maior, é o que se espera. Além disso, o turismo no meio rural também contribui para o resgate de tradições familiares e locais, na propriedade foi resgatada uma tafona, que seria uma máquina antiga utilizada para fazer de mandioca e também um canhão, que, para a entrevista foi uma das maiores tradições que ela pode resgatar.

Quando perguntado sobre os principais aspectos positivos, que o turismo no meio rural trouxe para a família, a entrevistada mencionou que para ela, receber pessoas é sempre interessante, e também ouvir a opinião delas, contribui bastante, pois sempre pode ser

aproveitado algo que foi comentado. E, referente aos pontos negativos a entrevistada não teve nada a declarar.

Já em relação aos resultados esperados do negócio de turismo no meio rural, as respostas se voltam, para o crescimento, especialmente por parte dos turistas, espera-se que o roteiro seja mais procurado, e que o turismo local e regional consiga engrenar, pois um município depende do outro.

No entanto, existem planos futuros na propriedade, em se tratando de turismo no meio rural, ela todos os anos procura inovar, para que o turista sempre encontre coisas novas.

Já para o roteiro, surgiu o interesse de montar uma parceria com a Fazenda Tropeiro Camponês, localizada na cidade de Passo Fundo-RS, pois segundo ela a fazenda recebe turistas também do exterior para passar um dia na propriedade e a mesma possui pousada, então seria interessante essa parceria pois beneficiaria todos. Segundo ela foi oferecida uma proposta, mas até hoje não se concretizou. E o interesse de associação com outros produtores rurais no município não existe, por que o roteiro já está completo e se torna muito cansativo se incluir mais propriedades.

Vale ressaltar que entre as proprietárias dos jardins existe uma cultura muito forte da cooperação e do associativismo, e sempre que podem elas trocam várias informações sobre assuntos gerais.

c) Propriedade 3

Dentre as informações levantadas na entrevista realizada com a proprietária e que até então tem relação com o sustento da família e a sua permanência no meio rural, percebeu-se que a família além de cultivar sua área própria, optou pelo trabalho assalariado para garantir a sobrevivência da família e a partir desta nova geração de renda surgiu a oportunidade da atividade de turismo no meio rural.

Quanto aos aspectos positivos, a entrevistada informou que para ela é um prazer receber as pessoas (turistas), e que gosta de poder embelezar uma propriedade que não é dela, que é do patrão. Também identificou-se que a atividade de turismo no meio rural resgatou tradições antigas dos pais dela que gostavam muito das plantas e das flores, então a entrevistada cresceu vendo isso e acabou gostando também.

Na análise da importância de outras propriedades de turismo no meio rural no município e região, a proprietária informou que seria importante uma parceria com outras cidades, mas no município não teria mais como incluir outros, pois segundo ela a associação

já está completa. E, para a entrevistada é muito bom o trabalho em grupo através da associação do roteiro, pois uma auxilia a outra no que for preciso.

d) Propriedade 4

Na propriedade estudada, o turismo no meio rural assim como nas demais ainda não apresenta uma participação significativa na geração de sustento da família, mas é o que auxilia na viabilização da família no meio rural. Além disso, o turismo no meio rural contribui para o resgate de tradições familiares, que acaba se tornando um atrativo turístico na propriedade.

Quando perguntado sobre os resultados esperados pelo negócio de turismo no meio rural, a entrevistada respondeu que com o auxílio do marido e principalmente do filho que ajuda bastante ela consegue o que precisa. E em relação da existência de outras propriedades de turismo no meio rural, a entrevistada informou que seria importante a associação com o turismo em outras cidades. Pois ela já tem a associação, e o roteiro já está completo.

e) Propriedade 5

Na propriedade, o turismo no meio rural está em fase de crescimento, ou seja, ainda não apresenta um crescimento desejável. Até por isso a entrevistada encontrou dificuldades para fazer uma média relativa a renda da atividade, por que, segundo ela, tem meses que vem poucas excursões e meses que recebe mais, e ela informou que recebe um valor por pessoa para visita, em torno de R\$ 4,00. Além disso, o turismo rural também contribuiu para o resgate de tradições familiares, como já verificado em outra entrevista, a tradição de gostar de flores e plantas que vem de pai e mãe para filhos.

Com base, nos resultados esperados, as respostas se voltam para o crescimento, dando ênfase ao recebimento de mais turistas e a partir daí aumentar a geração de renda proveniente desta atividade de turismo no meio rural. A entrevistada comentou na possibilidade de vender artesanatos para os turistas, mas segundo ela não encontra tempo para produzir, pois seria uma das formas de gerar mais renda para a família.

No entanto, existem planos para o futuro de investimentos no turismo no meio rural, como organizar mais a propriedade, e colocar mais bancos espalhados pelo pátio para os turistas poder ficar mais à vontade. A entrevistada seria importante a parceria com outras propriedades de turismo no meio rural na região, segundo ela a partir dessa parceria um iria ajudar o outro na divulgação. E como elas já possuem esse espírito cooperativo e para ela se torna muito importante trabalhar em grupo.

f) Propriedade 6

Na propriedade estudada, o turismo no meio rural tem significativa participação na geração de renda no sustento familiar, pois auxilia na comercialização de produtos e faz que a propriedade se torne conhecida na região. Além disso, o turismo no meio rural também contribuiu para o resgate da tradição familiar e local, pois quem iniciou os serviços na propriedade foram os avós da entrevistada, passando-a para os seus pais, e hoje quem administra é ela e seu esposo e a entrevistada acredita que no futuro algum de seus filhos irá continuar na propriedade rural.

Quando questionada sobre os principais resultados positivos que a atuação na atividade turística trouxe para a família, foi destacado que a proprietária se sente feliz em ver o encantamento por parte dos turistas, pois segundo ela quando iniciou esta atividade de turismo no meio rural não possuía condições financeiras para comprar uma mangueira para regar o jardim e a forma utilizada foi de regar com baldes de água, e hoje a família já possui um grau de sustento mais elevado, graças ao trabalho, então ela superou essas dificuldades, e passa isso para os visitantes da sua propriedade e demonstra que se torna uma motivação para eles, principalmente para as mulheres. Outro resultado positivo destacado foi, a comercialização de plantas e flores, que através da atividade do turismo no meio rural, a proprietária se torna conhecida na região e isso favorece a comercialização de plantas.

Quando perguntado sobre os resultados esperados do negócio de turismo no meio rural, a proprietária respondeu que espera estruturar melhor a propriedade, para poder atender de uma forma melhor os turistas.

Quando questionada sobre a importância de outras propriedades que atuam no turismo no meio rural, ela achou interessante montar uma parceria com outros municípios, e a partir daí montar um pacote de três dias, onde os turistas visitariam o nosso roteiro primeiro, teriam onde se hospedar, e no outro dia seguiriam para outros roteiros. Pois segundo ela o roteiro próprio já está completo e já engloba o dia todo. E a partir dessa parceria fortalece mais ainda o trabalho em grupo.

g) Propriedade 7

Na propriedade estudada, o turismo no meio rural, valoriza a propriedade fazendo com que todos os membros da família se sintam bem. Além disso, o turismo no meio rural também contribuiu para o resgate das tradições familiares tais como a gastronomia, em especial a culinária

com linguiça prato típico da região, e a partir do resgate desse prato ele começou a ser servido na propriedade para os turistas como o lanche da tarde.

Quando perguntado sobre os resultados esperados pela atividade de turismo no meio rural, a proprietária demonstrou interesse em montar um pacote turístico incluindo roteiros, além do estudado, outros como na cidade de Tapera/RS e Ibirubá/RS. Pois segundo ela o trabalho em grupo auxilia muito no fortalecimento da atividade de turismo no meio rural.

No entanto, existem planos futuros de investimentos no turismo no meio rural na propriedade, como a ampliação do local onde é servido o lanche e o objetivo é de ter um local que possa acomodar até no máximo quarenta pessoas.

4.6.2 Dificuldades/pontos de estrangulamento da atividade

a) Propriedade 1

Com relação às dificuldades enfrentadas ou a aspectos que dificultam o desenvolvimento da atividade de turismo no meio rural, a proprietária destacou que para o desenvolvimento é fundamental que outros produtores do setor cooperem para o desenvolvimento da atividade, principalmente em outras cidades e regiões. A entrevistada mencionou que existe o interesse de outros roteiros ou pontos turísticos no meio rural, em associar-se, mas falta apoio regional para se concretizar essa associação. Quanto a isso, o que se pode notar é que a união é muito forte entre as proprietárias dessas propriedades, pois elas consideram-se uma família, e são tratadas de igual para igual.

b) Propriedade 2

Com a relação às dificuldades enfrentadas ou os aspectos que dificultam o desenvolvimento da atividades de turismo no meio rural no município, a proprietária destacou que há pouca divulgação da atividade do turismo na região, e para ela é fundamental a participação de outros municípios com vistas ao desenvolvimento do setor.

c) Propriedade 3

Conforme dados da entrevista com a proprietária, não se evidenciaram dificuldades na atividade de turismo no meio rural.

d) Propriedade 4

Com relação às dificuldades encontradas ou os aspectos que dificultam o desenvolvimento da atividade de turismo no meio rural, a entrevistada tem o interesse da participação de outros roteiros turísticos na região, pois segundo ela um é diferente do outro, e assim o turista sempre tem mais opções de lazer.

e) Propriedade 5

Com relação às dificuldades enfrentadas ou a aspectos que dificultam o desenvolvimento da atividade de turismo no meio rural, a proprietária destacou que a procura por parte dos turistas poderia ser maior e assim obter uma renda maior desta, por isso acha importante em o grupo se associar a outras propriedades na região. Quanto a isso, o que se pode notar é que entre as integrantes do grupo existe uma forte comunicação, pois uma auxilia a outra sempre que pode, tanto na troca de ideias, como na troca de flores e plantas.

Em relação às dificuldades encontradas até o momento, a proprietária informou que não encontrou nenhuma dificuldade.

f) Propriedade 6

Com relação às dificuldades enfrentadas ou aspectos que dificultam o desenvolvimento da atividade de turismo o meio rural na propriedade, a proprietária destacou que seria interessante a participação de outras propriedades na região, até foi sugerido pela entrevistada a formação de um pacote turístico, onde no primeiro dia seria visitado o roteiro local e no segundo dia outro local.

Um dos fatores que contribuem negativamente para o crescimento do roteiro “Caminho das Topiárias, Flores e Aromas” é a sua divulgação, pois conforme dados da entrevista, na maioria das vezes o turista chega na propriedade e não faz nem ideia do que vai ver, para ela falta a divulgação em uma televisão local ou regional (RBS TV), onde podem ser mostradas imagens. O fluxo turístico poderia ser maior, pois atividades que oferecem a simplicidade natural da vida no campo são poucas na nossa região.

g) Propriedade 7

Com relação às dificuldades enfrentadas ou aspectos que dificultam o desenvolvimento da atividade de turismo no meio rural, a proprietária informou que seria interessante a cooperação de outras cidades com atividades turísticas.

Feitas as análises a partir dos dados coletados, a figura 4 apresenta os principais achados do estudo.

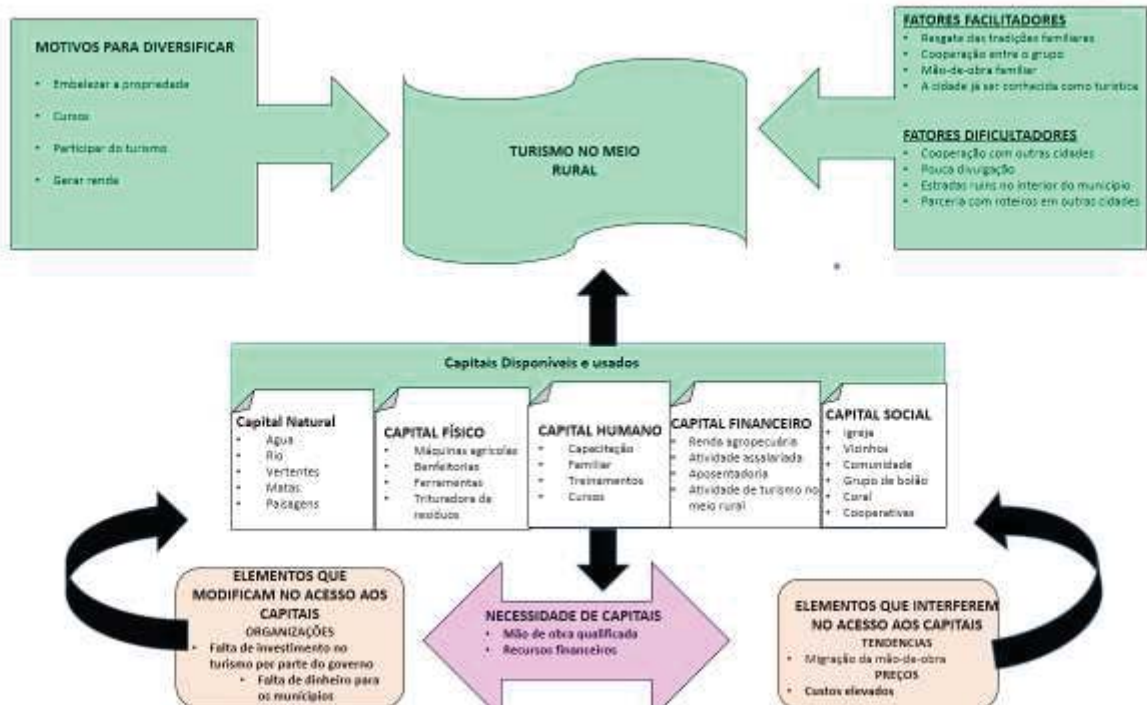


Figura 4- Recursos estratégicos na diversificação do sustento rural

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Vários são os motivos que levaram as propriedades a diversificar, e ao optar pela atividade de turismo no meio rural percebe-se que os motivos que mais influenciaram foram, o embelezamento da propriedade, outro motivo foi a realização de cursos que as proprietárias frequentaram, para a partir disso poder participar do turismo e como forma de geração de renda. Pois a partir da diversificação das atividades no meio rural o produtor rural encontra meio de poder se manter no campo, e uma forma de agregar renda para a família rural.

Parece claro, portanto que o processo de implementação de uma estratégia está relacionado a algum tipo de pressão, pois ao longo do estudo percebemos que as propriedades rurais estão enfrentando dificuldades no que se refere a cooperação com outras cidades, a divulgação do roteiro turístico é considerada pouca pelas proprietárias, as estradas de acesso estão ruins principalmente em dias de chuva, fatores estes que dificultam o crescimento da atividade de turismo rural no município.

E como fatores que facilitaram a implementação da atividade de turismo no meio rural, percebeu-se que o resgate das tradições familiares é um fator de grande relevância que faz com que as propriedades e os turistas resgatem as culturas antepassadas. Durante as

entrevistas percebeu-se que há uma forte cooperação entre as integrantes do roteiro “Caminho das topiarias, Flores e Aromas”, e essa cooperação faz com que elas se mantêm unidas para atuar na atividade de turismo no meio rural já que a cidade já é conhecida e isso facilita no que se refere ao roteiro, e outro fator que colaborou foi a mão-de-obra disponível e familiar que é encontrada em todas as propriedades estudadas.

Para que o produtor rural possa diversificar seus meios de subsistência é necessário que tenha acesso aos capitais. Nas entrevistas realizadas, quanto ao acesso e uso dos capitais verificou-se que as propriedades têm acesso aos seguintes capitais: a) Capital Natural: água, rios, vertentes e matas; b) Capital físico: máquinas agrícolas, benfeitorias, ferramentas, trituradora de resíduos; c) Capital humano: capacitação, familiar, treinamentos, cursos; d) Capital financeiro: renda agropecuária, atividade assalariada, aposentadoria, atividade de turismo no meio rural. Com base nas entrevistas realizadas percebeu-se que na viabilização da atividade de turismo no meio rural não necessitou-se de financiamentos externos, somente recursos próprios; e) Capital social: igreja, vizinhos, comunidades, grupos de terceira idade, corais e cooperativas. No que se refere ao capital social, algumas proprietárias e seus esposos participam em diretorias de comunidade e coral, o que se percebe um maior vínculo com a comunidade.

Ainda referente aos capitais, percebeu-se que as propriedades entrevistadas encontram dificuldades na contratação da mão-de-obra e recursos financeiros.

Diante disso, a discussão centra-se na inserção do turismo no meio rural, o qual oferece uma nova forma de diversificar a geração de renda e assim garantir o sustento das famílias rurais, visto que apesar das dificuldade de implementação a atividade se encontra como uma opção possível de ser aproveitada, e assim garantindo a permanência das famílias no campo.

4.7 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Ao se reportar aos procedimentos metodológicos empregados para o desenvolvimento deste estudo, que seguiram o rigor metodológico indicado para estudos acadêmicos, de certa forma não se permite criar uma conclusão generalizada para as propriedades rurais que diversificam suas estratégias de sustento a partir da exploração do turismo no meio rural. Isso ocorre por ser uma realização de estudo de casos exploratórios. No entanto, os achados do

estudo podem ser de grande importância para propriedades que optam pela diversificação e com foco na atividade de turismo no meio rural.

O estudo apresenta limitações, principalmente no que diz respeito a dados referentes ao turismo no meio rural, como forma de diversificação de renda para as famílias rurais. Pois a atividade de turismo no meio rural apresenta um elevado crescimento, e esse crescimento favorece o incentivo a futuros estudos.

4.8 SUGESTÕES PARA ESTUDOS FUTUROS

Finalizada a pesquisa, algumas ponderações podem ser feitas no âmbito de novos estudos, tanto na área de turismo no meio rural, como também na estratégia de diversificação de sustento, levando em consideração que ainda se tem diferentes tipos de informações que ao longo de estudos feitos se tornará conhecimento e que poderá ser aplicado em futuros negócios, geradores de renda.

A estrutura de análise formulada por Padilha (2009) que foi alvo de estudo nesta pesquisa, poderá ser estendida para novos estudos dentro ou fora do país, e além disso poderá ser incrementada com base em novas teorias, pois de certa forma ela permite analisar a estratégia de diversificação rural a partir da exploração do turismo no meio rural.

Na etapa que tratou da revisão da literatura, as leituras se voltaram para a diversificação na geração de renda das famílias rurais através da exploração do turismo no meio rural. É nesta dimensão que se verificou a carência de estudos focados no turismo no meio rural, o que de certa forma, poderá contribuir para o surgimento de novos estudos, quando estudada as diferentes formas de turismo no meio rural.

Nessa mesma linha de raciocínio, pode-se também considerar a importância dos estudos feitos no que se refere aos capitais, considerados fundamentais para a estratégia de diversificação e alcance da *performance*, estudos específicos sobre os diferentes capitais para que no futuro estes capitais possam ser aproveitados em sua totalidade.

E de certa forma, no que se refere ao roteiro “Caminho das Topiarias, Flores e Aromas”, reforçar a importância de estudos futuros no que se refere a gastronomia local, e demais serviços ligados a atividade. Este aspecto poderia valorizar ainda mais a procura por parte dos turistas. E outro aspecto, como forma de proteger o meio ambiente, reforçar a todos os atores sociais envolvidos no roteiro a importância do meio ambiente, como um recurso turístico, valorizando a paisagem a fauna e a flora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada teve como objetivo, analisar a estratégia de diversificação rural a partir da exploração do turismo no meio rural, e foi a partir da estrutura de análise da estratégia de diversificação de sustento rural e uso dos capitais formulada por Padilha (2009) que tornou-se possível observar o desenvolvimento de estratégias de diversificação de sustento em propriedades rurais. Nesse sentido, o desenvolvimento do estudo produziu um conjunto de noções empreendimento de turismo no meio rural.

Entendendo que o agronegócio está cada vez mais desafiado, nesse sentido Padilha (2009) menciona que, devida a crise global em meados de 2008, o setor está sendo forçado a rever as suas estratégias de atuação num mercado cada vez mais globalizado e exposto às incertezas de toda natureza.

Nessa análise, percebe-se que os produtores rurais são os responsáveis pela produção primária, mas devido às incertezas que estão ocorrendo, as famílias rurais estão enfrentando dificuldades na geração da renda e para poder manter-se no campo é fundamental que desenvolvam estratégias que gerem renda. Tais constatações podem ser percebidas no fenômeno de turismo no meio rural, uma atividade de lazer junto à natureza, uma alternativa para se livrar do stress causado nas grandes cidades.

O que se pôde notar na pesquisa realizada é que o turismo no meio rural é um setor que se encontra em expansão, pois a vida simples no campo tem muito mais a ver com a natureza, bem diferente dos centros urbanos.

Estudos feitos por Cristóvão, Pereira, Souza e Elesbão (2014) concluiu-se que o turismo no meio rural não é novo, conforme os autores, no período medieval várias pessoas abastadas possuíam alojamentos nas suas casas para caçadas e complementa que nos séculos 18 e 19, os europeus de classe alta construíram magníficas mansões rurais, cercadas por jardins ornamentais. Percebe-se que naquela época a atividade de turismo no meio rural era

uma atividade privilegiada somente para a elite. E o cultivo de plantas ornamentais como forma de embelezar a propriedade e chamar atenção de outras pessoas já vem desde os séculos 18 e 19 e continua até o hoje, como foi apresentado neste estudo.

Para que o produtor rural possa diversificar seus meios de subsistência, é necessário que ele tenha acesso aos capitais, que são elementares para a atividade escolhida, bem como por fatores que modificam ou interferem nas formas de acesso e de seu uso, que na maioria das vezes funcionando como uma barreira que limita a consecução da estratégia de diversificação adotada pela família rural.

Nas propriedades estudadas percebeu-se que os capitais existentes nem sempre são explorados na sua totalidade. Observou-se que esse aspecto está muito relacionado ao perfil das proprietárias.

Um achado importante no estudo relaciona-se com o capital financeiro, entendido como de grande importância, e que até o momento as unidades estudadas não necessitaram financiamento externo para viabilizar a atividade de turismo no meio rural, o capital utilizado vêm através da atividade agropecuária, salários, aposentadorias e da própria atividade de turismo no meio rural. Outro aspecto importante foi referente ao capital humano, onde valoriza-se a mão-de-obra familiar, envolvendo grande parte da família rural.

Ao selecionar propriedades rurais como unidades de análise, observa-se a falta de mão-de-obra qualificada e local, pois as propriedades estudadas também diversificam seus meios de subsistência através da atividade agropecuárias, o que na maioria das vezes exige que se necessita de mão-de-obra contratada.

Na investigação das sete propriedades, em se tratando dos recursos disponíveis para sua utilização, viu-se que nas sete propriedades, a disponibilidade da mão-de-obra na atividade de turismo no meio rural é familiar, e que nas épocas de mais movimento acaba envolvendo todos os membros da família. E percebe-se que aos poucos, as propriedades vão se adaptando no que se refere a melhorias nas propriedades rurais.

Fica claro que ao observar as peculiaridades de cada propriedade estudada que oferece o turismo no meio rural, percebe-se que entre o grupo de propriedades que compõe o roteiro “Caminho das Topiarias, Flores e Aromas” que há uma forte relação de amizade entre as proprietárias e uma forte cooperação entre elas, o que é uma grande motivação para investir na atividade no meio rural.

Mais para que a atividade de turismo no meio rural possa se desenvolver cada vez mais percebeu-se a necessidade de maior divulgação e as estradas de acesso se apresentam como um fator que dificulta o acesso aos turistas nas propriedades.

Percebe-se que cada vez mais a tendência de se estabelecer estratégia de cooperação entre parceiros que tem interesse em comum com o intuito de somarem forças que se articulem ao desenvolvimento da atividade de turismo no meio rural.

Quanto aos reflexos do turismo no meio rural, percebe-se que além de ser uma atividade na geração da renda é também um fator que motiva a família rural a se manter no campo, e que na maioria das vezes as propriedades vão passando de pai para filho.

Fica, pois, claro na apreciação do turismo no meio rural, que seu desenvolvimento e expansão justificam-se pelo número de propriedades rurais que estão incorporando atividades turísticas em seu *portfólio*. Por isso, importante se faz o estabelecimento de ações para a estruturação e caracterização para esse tipo de turismo, a fim de que essa tendência não ocorra desordenadamente. Só assim se poderá consolidar o turismo rural, como uma opção de lazer para o turista e uma importante e viável oportunidade de geração de renda adicional para os produtores rurais é mencionado por Padilha (2009).

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Anpocs: Unicamp: Hucitec, 1998.
- ABRAMOVAY, R. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- ALCÂNTARA, J. N.; THOMÉ, K.M.; CALEGARIO, C. L. L. Avaliação dos recursos determinantes da diversificação da agricultura familiar. **Informações econômicas**, SP, v.41, n.12, dez. 2011.
- ALMEIDA, A. C. P. C.; DACOSTA, L. P. **Meio Ambiente, esporte, lazer e turismo**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2007.
- ANDRADE, J. R. C. **O programa de aquisição de alimentos da agricultura familiar (PAA): o caso da Cooperativa Agropecuária regional de pequenos produtores de Mafra (COOARPA)**. Porto Alegre-RS, 2009.
- ANSARAH, Marília G. R. **Como aprender turismo como ensinar**. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- BARRET, C. B.; REARDON, T.; WEBB, P. Nonfarm income diversification and household livelihood strategies in rural Africa: concepts, dynamics, and policy implications. **Food Policy**, n. 26, p. 315-331, 2001.
- BARRTETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: São Paulo, Papirus, 2008.
- BARNEY, J.; HESTERLY, W. Economia das organizações: entendendo a relação entre organizações e a análise econômica. In: CLEGG, S.; HARDY, C; NORD, D. (Org.) **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2004, v. 3p.131-185.
- BARNEY, J. B. Firm resources and sustained competitive advantage. **Journal of Management**, v.17, n. 1, p.99- 120, 1991.
- BATKE, M. E. M. **O Turismo sustentável rural como alternativa complementar de renda à propriedade agrícola estudo de caso: Fazenda Água Santa São Joaquim- SC**. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- BEBER, A. M. C. **Turismo rural, modos de vida em mudança e percepções do rural: Um estudo a partir das práticas alimentares de famílias rurais em contexto de interação com**

turistas. Porto Alegre- RS, 2012. Série PGDR- Tese N° 54. Responsável: Biblioteca Gládis W. do Amaral, Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac, 1998.

BLANCO, E. S. O turismo rural em áreas de agricultura familiar: as “novas ruralidades” e a sustentabilidade do desenvolvimento local. In: BARTHOLDO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZITYN, I. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhar e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 348-355.

BLOSS, W. **Turismo rural e desenvolvimento local**: Lages, SC. Santa Maria: Facos, 2005.

CAMPANHOLA, C.; J. G. SILVA. **O agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro**.

CARDOSO, M. V. **Pequena agroindústria e turismo rural: potencialidades na localidade de morro calçado em Canela- RS**. São Francisco de Paula, 2013.

CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. In: O novo mundo rural, sustentabilidade, globalização. **Estudos sociedade e agricultura**, n. 11, Rio de Janeiro: UFRJ, out. 1998.

CARVALHO, M.S.; MOESCH, M.M. Turismo como fenômeno social e suas implicações no espaço rural. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.6, n.2, mai/jul-2013, pp.442-457.

CHAMBERS, R. Vulnerability, coping and policy: editorial. **IDS Bulletin**, v.20, n.2, p. 1-7, 1989.

CRUZ, R.C.A. **Introdução a Geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2003.

CUNHA, A. M.. **O artesanato, suas estratégias de comercialização e constituição enquanto produto turístico da agricultura familiar em Pelotas, Pedras Altas e Jaguarão-RS**. Os casos do Ladrilã e das Rendeiras. Porto Alegre/RS, 2012.

DENG, J.; KING, B.; BAUER, T. Evaluating natural attractions for tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 29, n. 2, p. 422-438, 2002.

DIEHL, A. A.; TATIM, D. C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

ECHTNER, C. M.; JAMAL, T. B. The disciplinary dilemma of tourism studies. **Annals of Tourism Research**, v. 24, n.4, p. 868-883, 1997.

ELLIS, F. **Rural livelihoods and diversity in developing countries**. Oxford University Press, 2000.

ELLIS, F. Household strategies and rural livelihood diversification. **The journal of Development Studies**. v. 35, n.1, Oct., p.1-38, 1998.

FLEISCHER, A.; FELSENSTEIN, D. Support for rural tourism: does it make a difference? **Annals of Tourism Research**, v. 27, n.4, p. 1007-1024, 2000.

FLEISSCHER, A.; TCHETCHIK, A. Does rural tourism benefit from agriculture? **Tourism Management**, v. 26, n. 4, p. 493-501, 2005.

FROEHLICH, J. M.; RODRIGUES, I. S. Atividade Turística e espaço agrário: considerações exploratórias sobre o município de Restinga Seca (RS). In: ALMEIDA, J. A.; FROEHLICH, J. M.; RIEDL, M. (Org) **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas: Papirus, 2000.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **RAE- Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v 35, p. 21 a 29. 1995.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

HUBNER, J. E. **“Rota das carroças”**: Análise da criação de um circuito de turismo rural na região turística Yucumã, Rio Grande do Sul. Três Passos-RS. 2013.

IBGE. **Instituto de Geografia e Estatística**. 2010. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=432320&idtema=1&search=rio-grande-do-sul%7Cvictor-graeff%7Ccenso-demografico-2010:-sinopse->> Acesso em: Setembro de 2014.

KLEIN, A. L. **Turismo rural pedagógico e a função educativa das propriedades rurais**: Uma análise a partir do roteiro caminhos rurais de Porto Alegre- RS e do projeto viva ciranda, Joinville-SC. Porto Alegre- RS. 2012.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2001. Turismo.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEFF, E. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, M. R.; FUTEMMA, C. A inserção da juventude no turismo no espaço rural e a construção da hospitalidade local: o caso dos assentamento Ipanema (Iperó- SP). **Turismo em análise**, vol.24, n.3, dezembro, 2013.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do conhecimento**. São Paulo, 2007.

MOTTA, Edson R. Garrido. **Turismo no espaço rural**: as transformações socioambientais no caminho do vinho em São José dos Pinhais-PR, Curitiba-PR, 2013.

MOSER, C. O. N. The Asset Vulnerability Framework: reassessing Urban Poverty Reduction Strategies. **World Development**, v.26, n.1, p.1-19, 1998.

NASH, R. Causal network methodology: tourism research applications. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 4, p. 918-938, 2006.

NIEHOF, A. The significance of diversification for rural livelihood systems. **Food Policy**, v. 29, 2004.

NOVAES, Marlene Huebes. O desenvolvimento do turismo no espaço rural: considerações sobre o plano de Joinville-SC. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (org.). **Turismo: segmentação de mercado**. São Paulo: Futura 1999.

OMAMO, S. W. Farm-to-market transaction costs and specialisation in small-scale agriculture explorations with a non-separable household model. **Journal of Development Studies**, v. 35, n.2, p. 152-163, 1998.

PACHECO, Carmem Rejane Pacheco. **Reinvenção espacial: agroecologia e turismo-sustentabilidade ou insustentabilidade?** Porto Alegre –RS, 2011.

PADILHA, A. C. M. **Estratégia e conhecimento: demandas emergentes no turismo rural**. São Luís/ MA: EDUFMA, 2010.

PERONDI, M. A.; **Diversificação dos meios de vida e mercantilização da agricultura familiar**. 2007. 210 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PORTAL BRASIL- Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2014/04/brasil-e-o-6o-no-mundo-em-economia-do-turismo>>. Acesso em: 30 mai. 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VICTOR GRAEFF. Disponível em: <<http://www.victorgraeff.rs.gov.br/web/index.php?Menu=cidades&sub=dados>>. Acesso em: 05 set. 2014.

RAMEH, L. M.; SANTOS, M. S. T. Extensão rural e turismo na agricultura familiar: encontros e desencontros no campo pernambucano. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p.49-66, abr. 2011.

REARDON, T. Using evidence of household income diversification to inform study of the rural nonfarm labor market in Africa. **World Development**, v. 25, n.5, p.135-741, 1997.

REARDON, T.; BERDEGUÉ, J.; ESCOBAR, G. Rural nonfarm employment and incomes in Latin America: overview and policy implications. **World Development**, v. 29, n. 3, p. 395-409, 2001.

REIS, G. L. **Produção de Monografia**. Da teoria a prática. Guará SP: Senac, 2008.

RODRIGUES, A.B. Turismo e territorialidades plurais: lógicas excludentes ou solidariedade organizacional. In: LEMOS, A. I. G.; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. L. **América Latina: cidade, campo e turismo**. Buenos Aires: São Paulo: CLACSO: USP, 2006. P. 297- 316.

RUSCHMANN, D.V.M.. Gestão da capacidade de carga turístico-recreativa como fator de sustentabilidade ambiental- o caso da ilha João da Cunha . In: LAGE, B.H.G.; MILONE, P. C.; (orgs). **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000. P. 71-79.

RUSCHMANN, D. Solha Toledo, Karina. **Turismo uma visão Empresarial**. São Paulo.2004.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. Planejamento turístico. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (org.). **Turismo: como aprender, como ensinar 2**. São Paulo: Senac, 2001.

SANTOS de O., E. S., Marcelino. **Teoria e Prática do Espaço Rural**. São Paulo, 2010.

SANTOS, D. L. **Processo de diversificação na agricultura familiar no município de Arvorezinha- RS**. Camargo- RS, 2013.

SALLES, M. M. G. **Turismo rural: inventários turístico no meio rural**. Campinas: Alínea 2003.

SCHNEIDER, S. **A importância da pluriatividade para as políticas públicas no Brasil**. Revista de políticaAgrícola **3: 15-34, 2007**.

SCHNEIDER, S.; Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.18, n. 51, 2003. p. 99-121.

SCHNEIDER, S.; FIALHO, M. A. V. Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. In: Almeida, Joaquim Anécio; Riedl, Mário.(Og) **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, 2000, p. 14-50.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade no Meio Rural Brasileiro**. Características e perspectivas para investigação. In: GRAMMONT, Hubert Carton de; MARINEZ VALLE, Luciano. **La pluriactividad em el campo latino-americano**. Equador: Flaesco, 2009.

SCOONES, I. Sustainable rural livelihoods: a framework for analysis. **Working Paper 72**. Brighton: Institute for Devepolment Studies, 1998.

SILVA, T M. **Dinâmicas demográficas e ocupacionais e a reprodução social na agricultura familiar: um estudo de caso no município de Praia Grande- SC**. Porto Alegre, 2011.

SOINI, E. Changing livelihoods on the slopes of Mt. Kilimanjaro, Tanzania: Challenges and opportunities in the Chaggahomegarden system. **Agroforestry Systems**, n. 64, 2005.

STRASSBURGER, C., N.; MACKE, J. Dimensões de análise da experiência do flow no turismo de aventura em Nova Roma do Sul (RS/BRASIL). Disponível em:<www.univali.br/revistaturismo>. **Revista Turismo e Ação Eletrônica**, v.14- n.2. p. 150-163/ mai.-ago., 2012.

TEIXEIRA, Andressa Ramos. **A contribuição das associações caminhos dos pomeranos e Porto Alegre rural para o desenvolvimento da atividade turística no espaço rural**. Série PGDR dissertação n 145. Porto Alegre/ RS, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais aplicadas:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.

TULIK, O. **Turismo rural.** São Paulo: Aleph, 2003.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZIMMERMANN, A. **Turismo rural:** um modelo brasileiro. Florianópolis: Ed. Do Autor, 1996.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista – Caracterização das propriedades rurais

RESPONDENTE: PROPRIETÁRIO

1 IDENTIFICAÇÃO E INSERÇÃO DA PROPRIEDADE RURAL

1.1 IDENTIFICAÇÃO

- 1.1.1 Nome do Empreendimento:.....
- 1.1.2 Nome do Proprietário:.....
- 1.1.3 Numero de sócios:.....
- 1.1.4 Ano de início das atividades agropecuária:.....
- 1.1.5 Ano de início do empreendimento turístico:.....
- 1.1.6 Tipo de iniciativa para o desenvolvimento do turismo no meio rural:
() Individual () Coletiva
- 1.1.7 Observações:.....
-

1.2 LOCALIZAÇÃO

- 1.2.1 Rua (Localidade, estrada, etc.)Nº:.....
- 1.2.2 Localidade (Bairro, comunidade, etc.)
- 1.2.3 Referência de localização:.....
- 1.2.4 Município:.....CEP:.....
- 1.2.5 Telefone: () Fax: ()
- 1.2.6 Email:.....
- 1.2.7 Observações:.....

1.3 ESPECIFICIDADES DA ÁREA DA PROPRIEDADE

- 1.3.1 Área total (terreno):..... ha
- 1.3.2 Área destinada à produção agrícola:..... ha
- 1.3.3 Área destinada a produção agropecuária:ha
- 1.3.4 Ano de início do empreendimento turístico:.....
- 1.3.5 Tipo de iniciativa: () individual () coletiva
- 1.3.6 Atrativos turísticos oferecidos na propriedade:.....

.....

.....

1.4 ADEQUAÇÃO/ QUALIDADE DAS INSTALAÇÕES

1.4.1 Capacidade de atendimento e serviços oferecido:.....

.....

.....

2 IMPLANTAÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA

2.1 Principal motivação/ influência da implantação

.....

.....

2.2 Processo de implantação da atividade

2.2.1 Teve apoio técnico? De quem?

.....

.....

2.2.2 Teve projeto técnico?

.....

.....

2.2.3 Como financiou?

.....

.....

2.2.4 Principais dificuldades encontrada?

.....

.....

2.2.5 Observações/comentários:

.....

.....

3 DADOS DE OCUPAÇÃO DA MÃO- DE- OBRA

3.1 MÃO DE OBRA DA FAMÍLIA RURAL

3.1.1 Atividade agropecuária (indicar nº de pessoas, instrução, grau de parentesco e sexo)

.....

.....

3.1.2 Atividade de turismo no meio rural (indicar nº de pessoas, instrução, grau de parentesco e sexo)

.....

.....

3.1.3 Nº de pessoas por tipo de atividade na época de maior ocupação com o turismo no meio rural

Tempo	Agropecuária	Turismo na propriedade	Outros
Integral			
Parcial			

3.1.4 Alguém da família rural recebeu treinamento/capacitação/assessoria técnica para a atividade de turismo no meio rural?

.....

.....

3.1.5 Importância da mão-de-obra familiar na atividade turismo

.....

.....

3.2 MÃO-DE-OBRA CONTRATADA

3.2.1 Atividade agropecuária (indicar nº de funcionários, atividade desenvolvida e sexo)

.....

.....

3.2.2 Atividade de turismo no meio rural: (indicar nº de funcionários, atividade desenvolvida e sexo)

.....

.....

3.2.3 Seleção e capacitação da mão-de-obra

3.2.3.1 Forma de seleção

.....

.....

3.2.3.2 Nível de qualificação e capacitação

.....

.....

3.2.3.3 Preocupação em capacitar

.....

.....

3.2.3.4 Acesso à capacitação

.....

.....

3.2.4 Dificuldades na gestão da mão-de-obra familiar contratada

.....

.....

4 DADOS DA FORMAÇÃO E COMPOSIÇÃO DA RENDA

4.1 RENDA ATIVIDADES PRODUTIVAS %

4.1.1 Atividade pecuária:.....

4.1.2 Atividade agrícola:.....

4.1.3 Outros (quais):

.....

4.2 RENDA DA ATIVIDADE DE TURISMO

4.2.1 Venda de produtos:.....

4.2.2 Alimentação:.....

4.2.3 Serviços de lazer:.....

4.2.4 Outros (quais):.....

.....

5 GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA

5.1 Tomada de decisão, controle financeiro e fixação de preços

5.1.1 Quem toma as decisões importantes relacionadas ao turismo no meio rural na propriedade?

.....

.....

5.1.2 Grau de preocupação com o controle financeiro

.....

.....

5.1.3 Processo de fixação dos preços

.....

.....

5.2 Origem dos recursos para desenvolver a atividade de turismo no meio rural %

recursos da atividade turística (.....)	financiamento de instituição financeira (.....)
recursos da agropecuária (.....)	financiamento de particular (.....)
contribuição ou doação (.....)	recursos de aposentadorias (.....)
recursos de outras atividades(.....)	outros (quais).....(.....)

6 ASSISTENCIA TÉCNICA

6.1 Recebe assistência técnica? De quem?

.....

.....

6.2 Dificuldades

.....

.....

6.3 Facilidades

.....

.....

7 DIVULGAÇÃO

7.1 Preocupação em divulgar, custos envolvidos, etc.

.....

.....

7.2 Veículos de divulgação/publicidade utilizados.

.....

.....

8 IMPACTO NA ATIVIDADE TURISTICA NA AGRICULTURA FAMILIAR

8.1 Grau de importância da atividade de turismo no meio rural para a economia familiar:

() alto () médio () baixo

8.2 Principais aspectos que a atuação na atividade turística trouxe para a família.

8.2.1 Positivos

.....

.....

8.2.2 Negativos

.....

.....

8.3 Tipo de tradição familiar foi resgatado com a adoção da atividade turística?

.....

.....

8.4 Principais resultados esperados pela família rural em relação a atividade do turismo no meio rural.

.....

.....

8.5 Planos para os próximos anos, no que se refere ao turismo no meio rural.

.....

.....

8.6 A importância para o negócio da existência de outras propriedades de turismo no meio rural em sua comunidade/município/região.

.....

.....

8.7 Importância do trabalho em grupo e o associativismo para o desenvolvimento do turismo no meio rural.

.....

.....

8.8 Interesse de associação com outros produtores rurais que desenvolvem o turismo no meio rural.

.....

.....

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista- Estratégia de Diversificação

Respondente: Proprietário

1 DIVERSIFICAÇÃO DOS MEIOS DE SUBSISTÊNCIA

1 A ESTRATÉGIA DE DIVERSIFICAÇÃO DE SUSTENTO RURAL

1.1 A ideia de diversificar o sustento rural, de explorar outras atividades além das até então praticadas, partiu de qual membro da família rural?

.....
.....

1.2 Antes de optar pela exploração do turismo no meio rural, que outras atividades foram pensadas?

.....
.....

1.3 Motivos ou fatores que levaram o produtor rural a implementar a estratégia de diversificação a partir da exploração do turismo no meio rural?

.....
.....

1.4 Fatores que facilitaram a implementação da estratégia de diversificação (turismo no meio rural).

.....
.....

1.5 Fatores que dificultaram a implementação da estratégia de diversificação (turismo no meio rural).

.....
.....

1.5 Observações:

.....

1.6 Comentários:

.....

2 ACESSO E USO DOS CAPITAIS

2.1 NATURAL

2.1.1 Tipos.

.....

.....

2.1.2 Características.

.....

.....

2.1.3 Qualidade.

.....

.....

2.1.4 Categoria de renováveis e não-renováveis:

.....

.....

2.1.5 Comentários:

.....

.....

2.2 FÍSICO

2.2.1 Tipos (maquinas, equipamentos, benfeitorias, casa da família rural, quartos, etc.)

.....

.....

2.2.2 Características

.....

.....

2.2.3 Qualidade

.....

.....

2.2.3 Infraestruturais (estradas de acesso; linhas de energia; água e comunicação)

.....

.....

2.2.4 Comentários

.....

.....

2.3 HUMANO

2.3.1 Mão-de-obra familiar que atua no turismo no meio rural.

.....

.....

2.3.2 Qualificação para atuar no negócio.

.....

.....

2.3.3 Habilidades necessárias.

.....

.....

2.3.4 Comentários:

.....

.....

2.4 FINANCEIRO

2.4.1 Existência de capital próprio para o investimento no turismo no meio rural.

.....

.....

2.4.2 Origem do capital próprio.

.....

.....

2.4.3 Capital de terceiros utilizados.

.....

.....

2.4.4 Fontes do capital de terceiros existentes e acessíveis.

.....

.....

2.4.5 Comentários:

.....

.....

2.5 SOCIAL

2.5.1 Descrever a forma como a família se relaciona com a comunidade.

.....

.....

2.5.2 Tipos de vínculos com a comunidade.

.....

.....

2.5.3 Participação em associações, comitês e cooperativas.

.....

.....

2.5.4 Pontos positivos em relacionar-se com a comunidade.

.....

.....

2.5.5 Pontos negativos em relacionar-se com a comunidade.

.....

.....

2.5.6 Comentários:

.....

.....

2.6 IDENTIFICAÇÃO E NECESSIDADE DE CAPITAIS

2.6.1 Descrever o processo de identificação dos capitais críticos para a estratégia de diversificação (turismo no meio rural).

.....

.....

2.6.2 Capitais necessários para a diversificação que não puderam ser acessados/usados.

.....

.....

2.6.3 Comentários:

.....

.....

3 ELEMENTOS QUE MODIFICAM O ACESSO AOS CAPITAIS

3.1 RELAÇÕES SOCIAIS

3.1.1 Fatores que modificam o acesso aos capitais (ex.: sexo, casta, classe social, idade, etnia e religião).

.....

.....

3.1.2 Comentários:

.....

.....

3.2 INSTITUIÇÕES

3.2.1 Presença de regras formais, convenções e código de condutas informais modifica o acesso aos capitais.

.....

.....

3.2.2 Comentários:

.....

.....

3.3 ORGANIZAÇÕES

3.3.1 Grupos de indivíduos modificam o acesso aos capitais (ex.: agências governamentais, instituições administrativas como os governos locais, organizações não governamentais, associações e empresas privadas).

.....

.....

3.3.2 Comentários:

.....

.....

4 ELEMENTOS QUE INTERFEREM NO ACESSO AOS CAPITAIS

4.1 TENDÊNCIAS

4.1.1 População (ex.: densidade populacional local e nacional).

.....

.....

4.1.2 Migração (ex.: de áreas rurais para outras áreas rurais ou para centros urbanos).

.....
.....

4.1.3 Tecnologia agrícola e a sua evolução ao longo do tempo.

.....
.....

4.1.4 Crescimento de atividades não ligadas ao campo em áreas rurais.

.....
.....

4.1.5 Preços.

.....
.....

4.1.6 Tendências econômicas nacionais e internacionais.

.....
.....

4.1.7 Políticas e tendências macroeconômicas.

.....
.....

4.1.8 Comentários:

.....
.....

4.2 CHOQUES

4.2.1 O acesso aos capitais pode sofrer interferência (ex.: seca, enchente, pragas, pestes)

.....

4.2.2 Comentários:

.....